

REVOLUÇÃO PERMANENTE

NOVA ORDEM OU
DESORDEM
MUNDIAL?

REVOLUÇÃO PERMANENTE

Diretor: Alejandro Bodart

Comitê Editorial: Imran Kamyana – Ezra Otieno
Oleg Vernyuk – Sergio García – Douglas Diniz
Rubén Tzanoff – Verónica O’Kelly

Edição: Martín Carcione
Arte e Diagramação: Tamara Migelson
Tradução e Revisão: Alessandro Fernandes
Giuliano Furtado – Neide Solimões
Vera Coimbra



Nossas Redes:

www.lis-isl.org/pt

E-mail: ligainternacionalsocialista@gmail.com

Liga Internacional Socialista

@ligainternacionalsocialista

Liga Internacional Socialista @isl_lis

Liga Internacional Socialista (LIS)

Os artigos e reportagens não expressam necessariamente as posições da LIS, mas sim de seus autores.



la montaña
EDICIONES SOCIALISTAS

Perú 439 1º
Buenos Aires
Argentina, C.P. 1067

- 3** Nova ordem ou desordem mundial?
- 8** Trump e o seu projeto de um Reino Unido da América
- 13** A democracia em crise
- 16** O que é o fascismo? Um estudo histórico e político sobre a ideologia da barbárie
- 20** Extrema direita e tecnologia: a visão marxista da inovação capitalista
- 23** Ucrânia: a aliança imperialista entre Trump e Putin
- 28** Concepções campistas na era Trump: e agora?
- 32** A corrida armamentista da UE e a mentira do “europeísmo” imperialista
- 35** Alemanha: novo governo, novo ataque geral
- 39** André Pestana, de Portugal: “é possível construir uma alternativa em defesa de quem trabalha”
- 41** O holocausto palestino com a marca da limpeza étnica de Trump e Netanyahu
- 45** Trump e a nova divisão da África
- 48** A Austrália sob a sombra de Trump

Esta edição da REVOLUÇÃO PERMANENTE
é dedicada in memoriam
de nosso querido camarada PABLO VASCO.





Nova ordem ou **DESORDEM MUNDIAL?**

POR ALEJANDRO BODART

Trump chutou a mesa da configuração imperialista global, com as suas instituições, alianças, acordos comerciais e complexos equilíbrios de poder. Com o objetivo de voltar a fortalecer o papel hegemônico dos EUA, em declínio, causou um terremoto que está derrubando o que restava da velha ordem mundial do pós-guerra e os pilares da globalização neoliberal da década de 1990. Ao mesmo tempo, a crise sistêmica que explodiu em 2008 continua em curso, a extrema direita e a polarização social crescem, tornando a alternativa “Socialismo ou Barbárie” ainda mais atual.

nário para controlar, enfrentar e derrotar os trabalhadores em luta constante pela emancipação contra o capital. Com o fim da URSS, teve de absorver sozinha os custos e os golpes da luta de classes mundial, evoluindo seu enfraquecimento gradual. Foi incapaz de transformar em semicolônias os principais países onde o capitalismo foi restaurado. Estes países foram transformados em seus concorrentes e a China emergiu como uma potência imperialista mundial. O mundo unipolar que pensava ter conquistado foi-se dissolvendo, tornando-se um campo de disputas pela hegemonia imperialista. O recuo dos EUA tornou-se evidente e a crise ao início do novo milênio tornou-se impossível de superar.

A CRISE É SISTÊMICA

A razão para o curso dos acontecimentos que assistimos encontra-se na crise estrutural do capitalismo, com um salto de qualidade em 2008, ainda sem reversão. Com a magnitude das disputas interimperialistas, o caráter especulativo e a sobreprodução da crise econômica mundial, para a ultrapassar seria necessário promover a destruição das forças produtivas a

Mais de 30 anos após a queda do Muro de Berlim e o desaparecimento dos “irreconhecíveis” Estados operários, nada terminou como o imperialismo estadunidense esperava, apesar de seu triunfo na Guerra Fria. A queda da burocracia stalinista significou também a perda do mais importante parceiro contrarrevolucionário

níveis que só uma nova guerra mundial poderia realizar. No entanto, nenhuma das grandes potências em disputa se sente, por enquanto, suficientemente capaz de embarcar em tal aventura. Além disso, os capitalistas estão conscientes de que um confronto mundial entre as grandes potências poderia terminar sem vencedor e com o perigo de desencadear um enorme holocausto nuclear.

Atualmente, os diferentes campos imperialistas apostam em atenuar a crise aprofundando a nova guerra fria e comercial e em conseguir um salto monumental na exploração, a níveis que a luta das massas trabalhadoras do mundo não lhes permitiu alcançar.



Para esta ofensiva contrarrevolucionária, a burguesia não vê mais utilidade na democracia liberal, nem pode permitir concessões mínimas. Precisam de governos bonapartistas e regimes autoritários que lhes permitam quebrar todas as formas de resistência com a repressão. Esta necessidade faz com que uma parte crescente da classe dominante impulsione a atual ascensão da extrema direita e o giro político burguês à direita e ao autoritarismo. Conseguiram alguns êxitos com a rendição do reformismo e do progressismo, que abriu as portas às forças de extrema direita, confundindo e desmoralizando os setores mais combativos do movimento de massas. Embora não possamos ainda falar de regimes fascistas, o germe do fascismo cresce e dependerá da força de luta dos trabalhadores, da juventude e dos progressos que fizemos no reagrupamento das forças revolucionárias em torno de uma estratégia comum, para que possamos derrotar o monstro antes que este cresça.

O PLANO TRUMP

A nova administração Trump é parte da ascensão global da extrema direita, alimentada por seu triunfo e fortalecendo outras expressões similares no mundo. Ao contrário do seu primeiro mandato, o atual conta com o apoio direto de um setor burguês, em particular o de tecnologia, dos homens mais ricos do mundo, e com o acompanhamento ativo ou passivo do grosso da classe dominante norte-americana.

Este apoio é parte da conclusão a que a burguesia norte-americana chegou: os acordos estabelecidos após a Segunda Guerra Mundial e o impulso para a globalização capitalista após o colapso da URSS não são mais suficientes. Desde o início do novo século, o domínio dos EUA está em declínio e os concorrentes regionais, como a China, têm-se tornado mais fortes mundialmente. A burguesia estadunidense sabe que é necessária uma mudança. Nem todos os setores da classe dominante estão convencidos que Trump cumprirá esta tarefa, mas como hoje é o que está em cima da mesa, estão dispostos a experimentar. Se a proposta não evoluir, os atritos ressurgirão e outras propostas virão. Mas nada como antes.

O projeto de Trump tenta impor uma transformação estrutural do regime político e econômico dos EUA e da configuração geopolítica mundial para aumentar os lucros da sua burguesia, tanto em termos absolutos, aumentando a exploração e a extração de mais-valia dos trabalhadores, como em termos relativos, capturando uma parte maior da massa global de mais-valia às custas dos concorrentes. E, com base no seu reforço, renovar a função de gendarme mundial para sustentar um sistema capitalista cada vez mais em crise.

NOS ESTADOS UNIDOS

Desde que Trump tomou posse, seu governo implementou uma série de medidas para reduzir as funções sociais do Estado, da suspensão de todas as ajudas internacionais até o desmantelamento do ministério da educação e a tentativa de fazer o mesmo com a saúde. Estão em curso milhares de demissões e, com Elon Musk ao leme, propõe-se cortar 1/3 do orçamento nacional. Trata-se de um ajuste sem precedentes para aliviar um déficit monstruoso, que drasticamente decairá o nível de vida do conjunto dos trabalhadores dos EUA.

Reforçou a perseguição e a criminalização dos

migrantes, gerando o pânico entre toda a população mais vulnerável, facilitando assim o aprofundamento da superexploração e a pressão para baixar todos os salários.

Está eliminando as liberdades democráticas básicas e aumentando a repressão. A perseguição política, os sequestros e as deportações de ativistas palestinos são um sinal.

O giro autoritário é necessário para aprofundar os planos de austeridade que defendem, também faz parte da “batalha cultural” para consolidar uma base social reacionária enraizada em setores da classe trabalhadora e da pequena burguesia do país. As posições flagrantemente racistas, xenófobas, misóginas, homofóbicas e ultranacionalistas do governo, além dos ataques aos direitos de todos os setores oprimidos têm esse objetivo. Isto encoraja numerosos grupos fascistas, que deverão ser confrontados com a organização de autodefesa.

GUERRA TARIFÁRIA

O nacionalismo protecionista e as tarifas que Trump está impondo às importações da China, mas também a aliados e parceiros comerciais históricos como a Europa, o Canadá, o México e inúmeros outros países, visam dar vantagens às empresas locais para obterem lucros no poderoso mercado dos EUA. Algumas destas medidas prejudicam as suas próprias multinacionais, com grande parte da produção em outros países. Aposto que essas empresas deverão repatriar suas operações, fortalecendo a produção e a geração de empregos no país.

Com suas tarifas, forçam o maior número possível de países afetados a fazerem concessões significativas em troca de uma redução ou eliminação das tarifas.

Estas medidas são fortemente inflacionistas e recessivas, provocando um novo salto na crise econômica mundial. Já se fala de recessão e até de uma possível estagflação.

UM CENÁRIO MUNDIAL INCERTO

A mudança global na configuração geopolítica imperialista que Trump está tentando fazer está apenas nos primeiros passos e o futuro que pretende ainda é incerto.

Está rompendo com os principais aliados imperialistas dos Estados Unidos há mais de 70

anos e quer acabar com a maior parte das organizações multilaterais onde seu poder foi estruturado. Vê em todas estas configurações uma despesa desnecessária com um objetivo obsoleto, uma armadilha que, longe de os fortalecer, os fez recuar contra seus concorrentes que precisam se livrar para defender sua hegemonia.

Procura substituir por uma nova ordem baseada na lei da selvageria capitalista mais crua e bestial. Tenta negociar com as grandes potências militares e econômicas uma nova divisão do mundo às custas de outros países, um acordo em que os EUA mantêm superioridade.



As negociações de Trump com Putin, à frente da segunda potência militar, ilustram esta orientação. E a relação estreita da Rússia com a China abre diferentes hipóteses. A primeira é que a aproximação com Putin faz parte de uma tentativa de negociação global que integre o gigante asiático e que a agressividade das tarifas em relação à China têm como objetivo obrigá-los a sentar-se à mesa para rediscutir tudo. Mas pode também criar as condições para uma separação entre as potências emergentes que isole a China, o principal concorrente à hegemonia, caso esta venha a se desenvolver ainda mais.

Esta estratégia global consiste em continuar submetendo o maior número possível de países semicoloniais e aliados históricos dos EUA, como a Europa, o Canadá e o Japão. Com métodos de gangster, procura impor-lhes relações comerciais desvantajosas e quebrar as suas soberanias para se apoderar dos territórios, das esferas de influência e das condições que considera necessárias para se fortalecer contra outras potências emergentes.

A negociação de Trump e Putin para dividir o

território e os recursos da Ucrânia entre a Rússia e os EUA por trás do povo ucraniano e da UE é o exemplo mais claro de como querem que o mundo funcione. Embora a resistência do povo ucraniano esteja dificultando estes planos.

A intervenção de Trump tenta acabar com a guerra “visível” em Gaza e permitir o extermínio étnico dos palestinos, ao mesmo tempo em que expressa a intenção de fundar uma colônia estadunidense em Gaza, indo no mesmo sentido. Tal como os anúncios das intenções de colonizar a Groenlândia e de assumir o controle do Canal do Panamá ou a ameaça de anexar o Canadá pela força.



Resta saber quanto do projeto a administração Trump conseguirá realmente concretizar. Mas já estamos enfrentando uma mudança estrutural na configuração do imperialismo mundial. Embora procurem criar uma nova ordem que salve o capitalismo da crise sistêmica, é mais provável que criem um mundo mais instável e conflituoso, uma desordem mundial até então não vista. Ao questionar todas as relações de poder, alianças e disputas que permitiram uma certa estabilidade e numerosas fronteiras, contestarão soberanias e zonas de influência. O processo de reorganização da ordem que pretendem construir trará desigualdades, resultando em mais conflitos, guerras regionais e, se a crise evoluir, a ameaça de uma nova guerra mundial permanecerá latente.

Isto é particularmente alarmante na Europa, cuja burguesia, abandonada pelo seu protetor estadunidense e pressionada pela ofensiva russa, tem todas as intenções de entrar na corrida para recuperar a posição de potência imperialista

com grande peso. Os Estados da UE e o Reino Unido iniciaram uma corrida desenfreada à militarização, duplicando e/ou triplicando os orçamentos militares, convertendo as indústrias siderúrgicas, automóveis e tecnológicas em produção de armas e relançando ou reforçando os programas de armas nucleares.

Além de criar um mundo mais perigoso e provável à guerra, o rearmamento implicará um ajuste e um ataque ao nível de vida que os trabalhadores europeus não enfrentam há décadas. Isto num contexto em que, por um lado, vemos a ascensão da extrema direita, o giro à direita de todas as forças políticas e o avanço de políticas anti-imigração, autoritárias e reacionárias que se aprofundarão com a militarização e os ajustes na porta. Por outro lado, anos de ascensão da luta de classes indicam que a orientação da burguesia enfrentará uma forte resistência.

A nível global, o avanço do negacionismo das alterações climáticas, que todas as forças de extrema direita defendem, aprofundará as políticas extrativistas, a extinção de espécies e mais catástrofes ambientais.

AS TAREFAS DOS REVOLUCIONÁRIOS

Esta nova ofensiva imperialista radicalizará o processo de polarização política e social entre os trabalhadores, a juventude e as camadas médias da sociedade. Não haverá calma, como prevêem alguns setores céticos e como gostariam os reformistas. A luta de classes vai se aprofundar.

As medidas reacionárias aplicadas e as que tentarão aplicar serão respondidas com mobilizações de massas, greves, rebeliões e todo o tipo de resistência.

As primeiras mobilizações de massas que começaram a ter lugar em inúmeras cidades dos EUA contra Trump, os seus ataques e os seus discursos negacionistas mostram que há e haverá disposição de lutar. As greves gerais e os milhares que se mobilizam na Argentina, onde governa o ultradireitista Milei, são outra expressão da situação real do movimento de massas. Milhões de pessoas estão se mobilizando contra a ascensão dos fascistas na Alemanha. As lutas na Grécia voltaram. A solidariedade mundial ao povo palestino e em repúdio contra o genocídio sionista israelense não pode parar. Estes são apenas alguns exemplos de um mundo que entrará em ebulição.



O aprofundamento da luta de classes, a repulsa provocada pelo avanço do autoritarismo, juntamente com a crise do reformismo, podem também ajudar a eliminar alguns obstáculos da confusão ideológica e criar mais espaço para a esquerda revolucionária. O ressurgimento do Die Linke na Alemanha pode ser um reflexo contraditório desse fenômeno.

A principal potência imperialista está abandonando seu disfarce democrático, enterrando o imperialismo ocidental que encenava a vitória da democracia liberal e do capitalismo humanitário. Nós, revolucionários, seremos de novo os únicos defensores da liberdade, da democracia e da autodeterminação dos povos. Os únicos defensores consequentes de todos os direitos que estão sendo e serão atacados.

As negociações em curso sobre a Ucrânia expõem tanto a OTAN como a Rússia, revelando os interesses interimperialistas e que os únicos parceiros consequentes do povo trabalhador ucraniano são os revolucionários e os povos do mundo que apóiam o direito de decisão sobre o próprio destino, denunciando as intenções de rapina do imperialismo ocidental.

O genocídio executado pelo Estado de Israel contra o povo palestino revelou a cumplicidade das forças políticas tradicionais burguesas com o sionismo e a covardia dos reformistas, demonstrando que só a esquerda revolucionária é consequente na defesa de um povo massacrado.

O problema que enfrentamos não é a ausência de vontade de lutar dos trabalhadores e dos setores oprimidos. O problema mais importante é a ausência de fortes direções socialistas revolucionárias a nível mundial. Isso, e nada mais,

nos tem impedido de alcançar vitórias retumbantes e iniciar o caminho para uma mudança socialista da sociedade.

Os revolucionários devem analisar as profundas mudanças em curso para determinar as táticas de intervenção mais adequadas. Nesta fase, é uma obrigação a mais ampla unidade de ação, sem sectarismos de qualquer espécie, para desenvolver a maior mobilização possível. Também o impulso da frente única e o apelo às direções reformistas e burocráticas contra o perigo autoritário e repressivo que se avizinha. Tudo isto sem nunca perder a independência e o direito de expressar as nossas opiniões críticas em relação aos aliados circunstanciais que possamos ter.

A nossa principal obsessão deve ser avançar no reagrupamento mundial e nacional de revolucionários para construir partidos e uma nova e forte internacional revolucionária. Avançar nessa tarefa é a única saída que nós, trabalhadores e jovens, temos para enfrentar e derrotar a barbárie que o capitalismo nos conduz.

Esse é o projeto da Liga Internacional Socialista, a LIS. Reagrupar, reagrupar e reagrupar as forças revolucionárias no mundo com base num programa de transição ao socialismo e num método sólido que permita a elaboração coletiva e a superação das nuances e diferenças num ambiente de companheirismo. Sem qualquer tipo de ultraesquerdismo infantil ou atalhos oportunistas. Para não sermos apenas comentaristas, mas modificadores da complexa realidade mundial que vivemos. Estamos convencidos de que um mundo sem exploração e opressão é possível e que vale a pena qualquer sacrifício para o alcançá-lo.

Trump e o seu projeto de um REINO UNIDO DA AMÉRICA



POR VINCE GAYNOR

O ditado “as aparências enganam” alerta para um perigo existente porque é a exceção e não a regra. Geralmente, as aparências refletem muito bem o conteúdo. A falsa capa da TIME com o rosto de Trump coroado sob o título “King Trump”, que o próprio presidente publicou nas redes sociais, não tem uma explicação rebuscada. Trump deseja, pura e simplesmente, e planeja meticulosamente instalar-se como ditador dos Estados Unidos para conquistar o mundo. A saudação nazista de Elon Musk foi exatamente uma saudação nazi. Ele adoraria comandar uma ditadura fascista.

Trump voltou à Casa Branca determinado a completar a agenda da extrema direita que falhou durante o seu primeiro mandato. Não se trata de uma repetição do passado: é uma etapa superior do

mesmo projeto, com maior apoio do establishment e da burguesia, com um programa mais sistemático, base social mais coesa e mobilizada. Mas a sua ofensiva gera uma repulsa social que resulta em resistência, acentuando a polarização e a radicalização.

PRODUTO DA CRISE MUNDIAL, CATALISADOR DA DESORDEM MUNDIAL

A ascensão de Trump é inseparável da crise sistêmica global do capitalismo eclodida em 2008 e que enfrenta um impasse. A ascensão global da extrema direita representa o desespero da burguesia em recuperar a rentabilidade perdida, somada à vontade de recorrer à guerra, ao autoritarismo e até ao fascismo para o conseguir. Trump é um produto deste fenômeno que, com seu triunfo, o reforça.

Ao mesmo tempo, esse desespero também exacerbá a competição interimperialista e o crescente conflito entre as potências, independentemente da persuasão política dos seus governos. O protecionis-

mo nacionalista da “América Grande” de Trump e a sua cascata tarifária expressam esta dinâmica, que já pôs fim à “nova ordem mundial” da globalização e do livre comércio proclamada pelo imperialismo ocidental após a queda da URSS.

Com este giro, o novo governo procura construir uma nova configuração imperialista que permita à burguesia norte-americana ficar com a maior fatia da mais-valia global às custas do resto.

No plano interno, o seu objetivo é impor um nível de exploração qualitativamente mais elevado, criando uma guerra aberta contra a classe trabalhadora nacional, necessitando de um aparelho de repressão e opressão mais forte e autoritário.

DERIVA REACIONÁRIA DA BURGUESIA

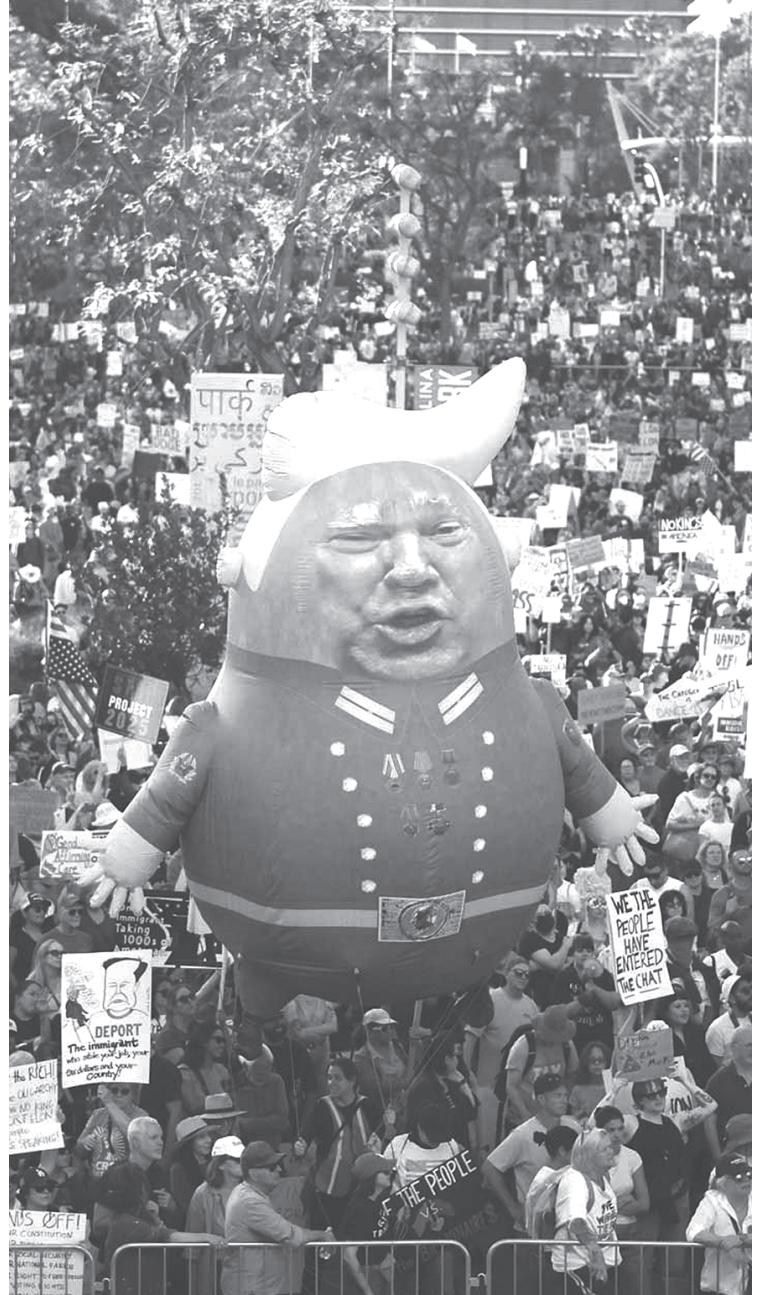
Quando Trump ganhou as eleições em 2016, foi recebido com desconfiança por grande parte da classe dominante. Enfrentou enormes mobilizações e não conseguiu implementar muitos de seus objetivos. Foi derrotado em 2020 e punido por setores do establishment com múltiplos processos judiciais. No entanto, consolidou uma base social radicalizada, enquanto os partidos tradicionais enfraqueciam.

A administração democrata de Joe Biden que lhe sucedeu causou uma desilusão catastrófica. Manteve a redução de impostos aos ricos e a nefasta política de imigração de Trump. Alienou a classe trabalhadora ao reprimir as suas greves e mostrou a face mais bélica e cruel do imperialismo.

A flagrante conivência com o genocídio sionista em Gaza, bem como a repressão de estudantes em solidariedade com a Palestina, destruíram as ilusões defendidas por figuras como Bernie Sanders e os Socialistas Democráticos da América (DSA). A consequente desilusão de milhões de pessoas facilitou o regresso de Trump, que desta vez tomou posse com o apoio direto de uma parte significativa da classe dominante e do establishment.

O setor capitalista da grande tecnologia tornou-se o seu pilar. O resto da burguesia americana, não convencida pelo projeto de Trump, perdeu toda a confiança no esquema anterior e agora está disposta a pegar o trem em movimento.

Ao contrário do que aconteceu no primeiro mandato, o Partido Republicano hoje apoia o Presidente e os Democratas decidiram não oferecer qualquer oposição. Tendo também conquistado uma maioria em ambas as câmaras do Congresso e um Supremo Tribunal de direita, Trump assumiu o cargo com uma confiança esmagadora.



UMA GUERRA ABERTA CONTRA A CLASSE TRABALHADORA

Com essa confiança, Trump lançou uma ofensiva total contra a classe trabalhadora. O seu plano de governo visa desmantelar o que resta do “Estado social” dos EUA, implementar um gigantesco ajuste e dar ao capital carta branca para aprofundar ao máximo a exploração.

O Orçamento 2025 propõe um ajuste brutal nas despesas sociais, ao mesmo tempo que mantém os benefícios fiscais aos ricos e as empresas, mostrando o roteiro para uma monstruosa transferência e concentração de riqueza.

Poucos meses após a posse, a administração suspendeu os poucos programas de ajuda social que restavam do período da pandemia, ao mesmo tempo que avançou com demissões em massa



no aparelho de Estado, com o objetivo de eliminar agências inteiras que desempenham funções-chave na saúde, educação, fiscalização do trabalho, meio ambiente e moradia. O processo de desmantelamento do Ministério da Educação já começou, e estão sendo preparados cortes severos na Seguridade Social, Medicaid e Medicare (pensiones e saúde pública para reformados e pobres), sob o pretexto de “cortar despesa”, afetando milhões de pessoas que dependem desses programas para sobreviver.

Paralelamente, o governo intensificou a agenda de desregulamentação. Para além da eliminação das proteções ambientais, as normas de segurança no trabalho foram reduzidas e a supervisão das empresas foi flexibilizada, favorecendo condições mais precárias e de risco aos trabalhadores.

Os sindicatos enfrentam uma série de ataques: funções restrinvidas; financiamento limitado; facilitação das demissões de trabalhadores sindicalizados no setor público. As tentativas de organização dos trabalhadores em empresas como a Amazon, a Starbucks e outras são confrontadas com demissões, ações judiciais e impedimentos legais.

Embora Trump apresente o seu protecionismo comercial como uma defesa do “trabalhador americano”, todas as suas medidas atingem o nível de vida dos trabalhadores. O aumento das tarifas não beneficia os trabalhadores industriais, mas sim a burguesia norte-americana em relação aos concorrentes internacionais. A maioria paga o custo da inflação que atinge especialmente os mais pobres, aumentando os preços de bens básicos como alimentos, vestuário, eletrodomésticos e medicamentos.

INTENSIFICAÇÃO DA OPRESSÃO

Trump reativou e endureceu a política anti-imigração. As deportações intensificaram-se,

as perseguições em massa foram retomadas e o muro na fronteira com o México foi reforçado. A criminalização da imigração, combinada com a militarização da fronteira, levou a um aumento das mortes e das prisões arbitrárias.

As ameaças permanentes de deportação de todos os imigrantes sem documentos têm por objetivo manter milhões de trabalhadores sob uma incerteza e um medo desesperador. O mesmo acontece com as deportações aos campos de concentração de Nayib Bukele (Presidente de El Salvador) e a recusa em cumprir a ordem do Supremo Tribunal de repatriar um homem que foi enviado devido a um erro administrativo.

O ataque aos direitos das mulheres e LGBT-QIAPN+ é também um ponto central da agenda da extrema direita. A sentença *Dobbs v. Roe v. Wade* retirou o direito ao aborto em vários estados. O governo federal, longe de garantir o acesso, mantém uma posição ambígua que fortalece os setores mais reacionários.

Além disso, intensificaram-se as campanhas contra a comunidade transgênero, com leis que proíbem o acesso ao tratamento médico, a participação em esportes e o direito à educação sobre a identidade de gênero nas escolas. Em vários estados, os pais e os médicos são criminalizados por apoiarem a transição de crianças transgênero.

ATAQUE AOS DIREITOS DEMOCRÁTICOS

Trump também tenta desmantelar os já limitados mecanismos democráticos do regime burguês, numa ofensiva contra os direitos de voto, da liberdade de imprensa e de manifestação. A narrativa da fraude eleitoral, repetida desde 2020, tem sido usada para justificar novas restrições ao direito de voto, particularmente às comunidades negras, latinas e jovens. Leis de identificação de eleitores, expurgos no registro de eleitores e a manipulação eleitoral se multiplicaram sob governos estaduais republicanos com a aprovação da Casa Branca.

Jornalistas e ativistas estão sendo processados. Foram aprovadas leis que criminalizam piquetes, bloqueios de estradas e ocupações, procurando desmobilizar e eliminar todas as formas de resistência.

A repressão aos estudantes solidários à Palestina atingiu um novo patamar. Em universidades como Harvard, Columbia ou UCLA, os reitores - pressionados por legisladores republicanos e

doadores milionários - proibiram manifestações, perseguiram ativistas e desmobilizaram organizações estudantis. Houve expulsões, processos disciplinares e foram retirados financiamentos às instituições como Harvard por não se alinharem à política governamental.

Esse nível de censura não tem precedentes desde o período do Macartismo e tem como objetivo quebrar o crescente movimento universitário que une a luta contra o genocídio em Gaza a uma crítica mais geral contra o imperialismo norte-americano.

Um acontecimento particularmente grave é a prisão política de ativistas imigrantes. A estudante e ativista pró-palestina Rumeysa Öztürk foi sequestrada na rua por agentes à paisana em represália ao seu ativismo; Mohsen Mahdawi, um ativista palestino, foi enganado e sequestrado numa suposta entrevista para obtenção da cidadania estadunidense, sendo detido.

O aparelho repressivo também foi reforçado. A polícia recebeu mais fundos, formação militar e proteção judicial, enquanto todas as formas de protesto são criminalizadas.

REGIME AUTORITÁRIO E BASE SOCIAL REACIONÁRIA

O objetivo final do projeto de Trump é impor um salto na exploração dos trabalhadores e nos lucros dos capitalistas pela austeridade, desregulamentação e eliminação dos direitos trabalhistas.

No entanto, ao atacar a maioria da população, é inevitável a agitação, oposição e resistência. Por isso, uma parte intrínseca do projeto é a transformação num regime mais autoritário e repressivo capaz de esmagar toda a resistência, e a consolidação de uma base social reacionária que apoie e defende o projeto a partir da base.

O governo está avançando com a transformação autoritária do regime, concentrando o máximo de poder no executivo, reduzindo os controles e equilíbrios institucionais à sua expressão mínima, retirando poder do judiciário e legislativo e apoiando-se em forças repressivas e em organizações paraestatais violentas.

Desde o início do mandato, Trump procura governar por decreto, rodeado por uma corte de juízes leais a ele e sem tolerância às dissidências. Preencheu posições-chave com quadros do Projeto 2025, o plano estratégico da Fundação Heritage. Promoveu uma purga do aparelho de Estado,



eliminação de agências independentes, utilização do Departamento de Justiça como instrumento partidário e o controle político de setores como a educação, saúde e comunicação.

Esse autoritarismo é apoiado por uma base social reacionária, ultranacionalista e mobilizada. A “guerra cultural” contra o feminismo, a diversidade sexual e de gênero, os imigrantes, os negros, os muçulmanos e a esquerda, desempenha um papel central: criar um inimigo interno, mobilizar uma base conservadora entre os trabalhadores brancos e os pobres e justificar a repressão.

O trumpismo funciona como um laboratório proto-fascista, experimentando novas formas de controle social, censura ideológica e legitimação da violência política. Embora seja impreciso equiparar seus objetivos ao fascismo do século passado, é certo que a já restrita democracia burguesa está sendo substituída por um regime mais bonapartista. No entanto, o resultado desta experiência será definido no terreno da luta de classes e, para além da confiança que exibem, Trump e Musk não terão um caminho fácil.

INSTABILIDADE, POLARIZAÇÃO E LUTA DE CLASSES

Após ter prometido uma imediata melhoria econômica, Trump fala agora da dor necessária antes da melhora, à medida que a inflação aumenta e se aproxima de uma nova recessão.

A ofensiva tarifária ficou rapidamente atolada numa confusão de declarações, cancelamentos, negociações, idas e vindas, gerando incerteza que afugentou o investimento e fez cair a bolsa de Wall Street. Essa situação prejudica a coligação frágil de ultraconservadores religiosos, magnatas da tecnologia e políticos republicanos de direita. Além disso, alimenta a desconfiança e a impossibilidade do resto da classe dirigente, que acompanha ou



espera com mais dúvidas do que certezas. Sobre tudo os industriais que perdem milhões por causa das tarifas e de outras medidas governamentais. O apoio generalizado da burguesia, da qual depende qualquer possibilidade de êxito do projeto, pode se consolidar caso obtenha resultados breves; caso contrário, o projeto pode explodir.

No entanto, o maior problema do novo governo vem de baixo. A sua base social é aguerrida mas minoritária; Trump ganhou as eleições com 1/3 dos votos possíveis. Além disso, por mais reacionária que seja, grande parte dessa base é composta por trabalhadores que sofrerão uma perda no nível de vida, criando contradições. Do outro lado das trincheiras, as medidas draconianas do governo causam repulsa à maioria dos trabalhadores.

O avanço da extrema direita alimenta a polarização, provocando respostas aos ataques e impulsionando a radicalização de parte da esquerda. Os trabalhadores organizaram movimentos massivos como o Black Lives Matter e a Marcha das Mulheres. O movimento dos trabalhadores reagiu, com greves como a do UAW, mudanças de direções em setores como os de cuidadores de saúde e do ensino, e avanços na organização de setores precários como da Amazon e a Starbucks, como não se via há décadas.

As recentes mobilizações “Hands Off” foram uma primeira resposta massiva contra a agenda de Trump e marcaram o início de uma resistência que provavelmente crescerá. O desenvolvimento das próximas lutas e a sua direção política serão decisivos.

O PARTIDO DEMOCRATA E AS TAREFAS REVOLUCIONÁRIAS

Longe de serem uma verdadeira oposição, os democratas agem como cúmplices do novo governo, optando pela colaboração ou

pelo silêncio perante a ofensiva reacionária. Não barram as leis reacionárias, não incentivam a mobilização e canalizam o movimento “Hands Off” para a chantagem eleitoral do “mal menor”. Não poderia ser de outra forma; é a outra face da classe dominante norte-americana, um partido tão capitalista e imperialista como o Partido Republicano.

Figuras como Bernie Sanders e Alexandria Ocasio-Cortez reaparecem em eventos de massa organizados para preparar o terreno para 2028 e conter o descontentamento dentro do “grande guarda-chuva” democrata, alimentando ilusões reformistas a partir de dentro. Essa estratégia apenas repete o ciclo de frustração e desmobilização, canalizando a raiva social a um beco sem saída.

O momento pede a mobilização para enfrentar a ofensiva reacionária nas ruas e construir uma alternativa política dos trabalhadores e independente da burguesia.

Os revolucionários têm um papel fundamental nessa tarefa. Mas a tarefa fundamental, da qual depende a nossa capacidade de influenciar as lutas e construir uma alternativa política, é a reconstrução de um partido revolucionário. Há uma possibilidade real de avançar nesse objetivo, mas isso só é possível com o reagrupamento dos revolucionários – hoje dispersos em várias organizações –, a organização de uma internacional e a intervenção nas lutas para organizar os milhares de militantes em processo de radicalização.

Trata-se de uma tarefa imediata, não de um projeto para o futuro. O atual processo de polarização e radicalização coloca uma oportunidade que não é atemporal; as lutas dos próximos meses e anos serão definidas para um ou outro lado. Os socialistas revolucionários podem aproveitar ou desperdiçar a oportunidade de organizar os trabalhadores e os jovens radicalizados de hoje. As perspectivas para a classe trabalhadora não serão animadoras se, nesse processo, os reformistas e os neostalinistas crescerem mais do que os revolucionários.

A Liga Internacional Socialista trabalha ativamente para esse objetivo, com um processo de debates, coordenação e reagrupamento com outras organizações e militantes revolucionários.

A crise capitalista é de tamanha magnitude que os limites da burguesia para manter a dominação com regimes democráticos estão se estreitando. Isso se reflete no apoio burguês às extremas direitas, com Trump à frente. A crise econômica não superada desde 2008 está se manifestando também nos regimes políticos, causando mudanças significativas na política da burguesia imperialista dos países ocidentais, que desde a Segunda Guerra Mundial escolheram e desenvolveram regimes democráticos burgueses sustentados na superexploração, por qualquer meio, que fosse, das semicolônias.

A democracia EM CRISE

POR CÉSAR LATORRE



A DEMOCRACIA PERDEU A UTILIDADE

A ditadura da burguesia, desde os primórdios do capitalismo, assumiu diferentes formas de regime. Em certos momentos, recorreu à “democracia” e, em outros, a regimes autoritários. Essa realidade foi mascarada nos países imperialistas, onde o regime democrático foi usado como política interna e como propaganda externa. Mas, desde 2008, o ataque do capitalismo imperialista — que até então se concentrava sobretudo nos países periféricos — aprofundou-se também nas nações centrais. Como era de se esperar, enfrentou resistências que a burguesia não tolera. Dessa forma, a política econômica veio acompanhada de uma mudança qualitativa nas políticas repressivas, tanto internas quanto externas.

E assim assistimos à regressão de todos os direitos democráticos. É importante destacar que esses direitos não significam a mesma coisa que democracia burguesa. Direitos democráticos são conquistas das massas que a burguesia, ao adotar a ditadura “democrática”, finge tolerar.

Existem diferentes exemplos sobre: em regimes

democráticos burgueses, já não se toleram **direitos como à autodeterminação**, por exemplo o Estado espanhol contra a Catalunha (2017); o **direito ao princípio democrático da maioria**, com a traição ao referendo na Grécia (2015); o **direito à liberdade de expressão**, destacando a proibição de livros nas escolas dos EUA (2024); o **direito à livre manifestação**, citamos a expulsão de estudantes pela solidariedade com a Palestina (2024) nos EUA, na Austrália, etc.; o **direito de greve**, com professores na Alemanha (2018); o **direito a um julgamento justo**, com as deportações nos EUA (2025); o **direito à liberdade de expressão**, com o processo contra Alejandro Bodart por tuitar em defesa do povo palestino na Argentina (2024/2025). E continua.

A questão central é que, objetivamente, as liberdades democráticas entram em choque com a necessidade de ajustes econômicos da burguesia.

A DEMOCRACIA É UMA DECEPÇÃO

Essa nova situação aflorou diferentes direções políticas nos Estados que, apesar das variações e

ritmos, aplicam ajustes econômicos. Tudo isso resultou num desgaste político tanto da direita tradicional quanto dos reformistas que haviam criado grandes expectativas no momento do primeiro giro político de massas após a crise de 2008¹. Mas também significou um desgaste da própria democracia como regime — daí o surgimento de processos como os Coletes Amarelos, que atuaram por fora das vias institucionais burguesas.

Além disso, como já dissemos, os paladinos da “radicalização democrática” pisaram nos próprios direitos democráticos: o *Syriza* foi contra o resultado do voto popular (Varoufakis renunciou como ministro da Economia, “para facilitar as negociações” das medidas que o povo havia votado contra e, hoje atua como teórico pseudomarxista da conciliação de classes); o *Podemos* não apoiou o direito à autodeterminação catalã; o “*socialismo do século XXI*” de Chávez acabou em ditadura, e assim por diante.

Esses acontecimentos também ajudam a explicar o apoio crescente de amplos setores sociais aos diferentes movimentos da extrema direita, que se aproveitam desse espaço para atacar os direitos democráticos.

O MAL CONGÊNITO DA DEMOCRACIA

Desde que Aristóteles forjou seu conceito de democracia, esta formulação estava sobre a base de uma sociedade escravista; por isso, na prática, foi sempre um eufemismo utilizando conforme os interesses da classe dominante. Isso explica a elasticidade e a confusão em torno do termo.

Na transição do feudalismo ao capitalismo, a “democracia” serviu à burguesia como arma contra a nobreza, mas o regime democrático republicano foi limitado, nos primórdios do capitalismo, apenas aos países “civilizados”. A bela árvore da democracia nutria-se nas obscuras raízes do colonialismo, do racismo, da escravidão e da mais brutal repressão no restante do mundo.

Destacamos como a Comuna de Paris e, principalmente, a Revolução Russa nos primeiros passos, desenvolveram uma democracia real nunca antes vista, baseada na participação política ativa das massas mobilizadas. Isso demonstrou, pela experiência concreta, a ligação indissociável entre o socialismo e a democracia como o governo da maioria.

A DEMOCRACIA COMO POLÍTICA DA BURGUESIA

Por um lado, a “democracia burguesa” exerceu um inegável papel de contenção política da classe trabalhadora, subordinando-a ao Estado capitalista. A suposta igualdade formal do voto e da representação legitimava os governos servis à minoria exploradora e alicerçados na desigualdade econômica e social. Além disso, as “democracias mais estáveis” só existiram nos países imperialistas à custa do esmagamento do resto do planeta. O próprio Trotsky, sobre esse fenômeno, afirmou que “*a democracia [burguesa] é a forma mais aristocrática de governo, apenas os países senhores de escravos conseguem conservar a democracia*”².

Por outro lado, os mesmos países que Trotsky mencionava foram os que, para ganhar e manter sua condição imperialista, utilizaram a democracia como valor político. Primeiro contra o fascismo e o nazismo. Depois, contra os autoritarismos stalinistas durante a Guerra Fria. Posteriormente, contra o fanatismo religioso e o terrorismo. Inclusive, até bem pouco tempo, os EUA ainda usavam o valor da democracia para justificar sua política contra a Rússia, China, Coreia do Norte, entre outros. O *genocida Joe* (Biden) chegou a usar esse argumento para justificar o massacre contra os palestinos, sustentando que era um dever defender “a única democracia no Oriente Médio”.

Em síntese: a própria ideia de democracia como governo das maiorias é incompatível com o capitalismo, que nada mais é do que uma oligarquia que explora e oprime a maioria.

REVERSÃO IDEOLÓGICA E CONTRADIÇÕES

A teorização iluminista da democracia — que a burguesia usou para derrotar a nobreza — entra em choque com as atuais necessidades da classe dominante. Por isso, a ideologia da extrema direita busca destruir até os menores vestígios de direitos democráticos que a burguesia fingia tolerar nos regimes democráticos burgueses.

Seus teóricos, por essa razão, atacam as bases do Iluminismo e afirmam que a liberdade é incompatível com a democracia. Apoiam todo tipo de ideologia reacionária e se apresentam como a antítese do Iluminismo, como Nick Land afirmou em seu ensaio “O Iluminismo Sombrio”.

Mas não será simples apagar 80 anos de política democrática como se nunca tivesse existido. Destruir a independência dos poderes, encarcerar dirigentes opositores, deportar pessoas sem julgamento, proibir todo tipo de crítica — tudo isso enfrentará resistência de setores médios que ainda defendem esses valores, além dos mais explorados, que sofrem de forma imediata as consequências econômicas.

A única forma de estabilizar uma situação desse tipo seria por meio de melhorias materiais concretas de longo prazo para a maioria — algo que, com a crise econômica, não parece ser o cenário mais provável.

Além disso, o imperialismo ocidental enfrenta um novo problema político: em um eventual confronto direto com os imperialismos regionais, não terá um eixo político que consiga atrair e agrupar as massas aos seus objetivos, como aconteceu no pós-guerra.

DITADURA DOS MONOPÓLIOS OU REGIMES DE PARTIDO ÚNICO?

Eis as alternativas que os campos imperialistas nos oferecem.

Algo recente do cenário atual é que os principais imperialismos querem se livrar dos já limitados direitos democráticos existentes. Vale analisar outra causa profunda: desde a queda do Muro de Berlim, as burocracias dos capitalismos de Estado e seus aliados operaram sob a tese de que a melhor forma de se manter no poder é reprimir, reprimir mais e reprimir pior. O Partido Comunista Chinês testou com êxito em Tiananmen, tornando-se modelo a ser seguido. Putin, Maduro, Correa, Lukashenko e o regime do Cazaquistão, entre outros, aplicaram o modelo de partido único e repressão feroz com relativo sucesso — o que só foi possível, é importante ressaltar, pela ausência de uma direção revolucionária com grande influência nas massas.

Por outro lado, os capitalistas mais ricos do mundo, verdadeiros gângsteres da “meritocracia capitalista”, mas ditadores em suas empresas, se colocam como modelo de sucesso no Ocidente e pretendem exportar essa lógica empresarial aos Estados no mundo.

O resultado é que o modelo democrático burguês perde suas referências e a luta pelos direitos democráticos fica como tarefa dos revolucionários.

DEMOCRACIA OPERÁRIA OU FASCISMO CAPITALISTA

A velha dicotomia socialismo ou barbárie poderia muito bem ser reatualizada para democracia operária ou fascismo capitalista. A crise atual escancara de forma brutal as contradições.

A burguesia estreita cada vez mais os limites para sustentar sua ditadura democrática. Uma das saídas possíveis para a crise é derrotar fisicamente a classe trabalhadora e sua resistência. Para isso, necessitam de um regime repressivo até o último fio, para empurrar a classe operária a um regime de exploração próximo à escravidão — algo similar aos campos de concentração nazistas com trabalhos forçados ou aos modelos de cama quente chinesa.

Enquanto escrevíamos este artigo, ocorreram enormes mobilizações nos EUA — e em outros países — em defesa dos direitos democráticos, contra Donald Trump e Elon Musk, com a consigna “Hands off...” (Tirem as mãos...). Além de vídeos de pessoas destruindo carros da Tesla, respondendo que a tarefa repressiva não será cumprida com facilidade.

Ao mesmo tempo, um retorno ao Estado de bem-estar econômico e à democracia, como propõem setores da esquerda derrotada e adaptada ao sistema, é inviável — portanto, utópico. Aqueles que prometem ou dizem lutar por uma democracia “mais radicalizada” nos levam a um beco sem saída.

A única alternativa real contra as políticas imperialistas é a saída revolucionária que destrua este Estado e sua farsa democrática. A única forma de democracia verdadeira é a da igualdade social dos meios de produção — só possível sob um governo dos trabalhadores, onde a participação nas decisões políticas e econômicas esteja nas mãos da maioria.

Tomemos em nossas mãos a defesa dos direitos democráticos, pois, em um mundo onde os ricos querem eliminá-los, esses direitos podem se tornar uma poderosa alavanca para a revolução proletária. 

1 Alejandro Bodart. A ascensão da extrema direita e a tarefa dos revolucionários. Revolução Permanente, n. 6, 2024.

2 Leon Trotsky. Así nació la IV Internacional: programa, documentos y debates. Buenos Aires: La Montañá, 2022. p. 184.

Um ESTUDO HISTÓRICO e POLÍTICO sobre a IDEOLOGIA da BARBÁRIE



POR CELE FIERRO E VIKI CALDERA

Vivemos uma época em que a pós-verdade, as fake news e as criações por I.A. se misturam com a realidade. Mais do que nunca, hoje é essencial recuperar as análises marxistas dos fenômenos históricos para compreender, explicar e agir para mudar nossa realidade.

A extrema direita, com base no nome do partido de Hitler, associa o nazismo ao socialismo, ou diz que Mussolini era socialista por causa de sua breve passagem pelo PSI. Desta forma, tentam fazer com que não sejam os herdeiros dos fascistas do século XX e que a única ação política que pode enfrentá-los e derrotá-los de forma consequente é o socialismo internacionalista. Vejamos como nasceu e se desenvolveu o fascismo no século passado.

CRONOLOGIA DO HORROR

O termo “fascista” foi utilizado pela primeira vez na Itália, a partir da formação dos “Fascios de Combate”¹ em 1919. Em

1921, transformaram-se no Partido Nacional Fascista, que viria a ser o único partido legal durante a ditadura de Mussolini, entre 1922 e 1943.

Na Alemanha, o Partido dos Trabalhadores Alemães foi fundado em 1919. De extrema direita, nacionalista e racista, dirigido por Hitler. Em 1920, mudou o seu nome para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães². Os “camisas pardas”, ou SA, e a SS eram as tropas de choque do partido nazi, que se tornou o único partido legal após Hitler ter tomado o poder em 1933.

Em 1923, Primo de Rivera deu um golpe de Estado na Espanha que durou até 1930. Segundo Trotsky, não era de um regime fascista, uma vez que não se apoiava na reação das massas pequeno-burguesas³. Mas após a sua queda e a incapacidade do PC em oferecer uma solução revolucionária, não demorou muito para que fossem criadas organizações fascistas que, em 1934, uni-

ram-se para formar o partido Falange Espanhola. A Falange esteve sob o comando de Franco na Guerra Civil e foi o único partido legal após sua tomada do poder em 1939.

O MUNDO NO PERÍODO ENTREGUERRAS

A coincidência temporal destes fenômenos não é casual, mas produto da realidade objetiva mundial no início do século passado. É nos resultados da Primeira Guerra Mundial que podemos encontrar as explicações para a ascensão do fascismo no mundo.

A GRANDE GUERRA

Segundo Lenin, a Primeira Guerra Mundial foi “*num triplo sentido, uma guerra de escravistas pelo fortalecimento da escravidão*”⁴, significava que as grandes potências mundiais se empenhavam na guerra para atingir um triplo objetivo: uma nova divisão das colônias; o reforço da opressão sobre outras nações; e o esmagamento do movimento operário. A crise econômica tornou a vida insuportável para muitas pessoas em todo o mundo, especialmente nos países centrais cansados da guerra, ainda mais na Alemanha, onde as duras condições impostas pelo Tratado de Versalhes a mergulharam na miséria.

As contradições que iniciaram a guerra não foram resolvidas. A Grã-Bretanha saiu vitoriosa, mas já não conseguia manter sua posição hegemônica. Por outro lado, os Estados Unidos saíram mais fortes: os *anos vinte dourados* foram um período de prosperidade e de desperdícios apenas aos setores ianques privilegiados. Mas o crash de 1929 mostrou que a crise econômica e social e a disputa interimperialista não tinham sido resolvidas. A Grande Depressão mergulhou as massas na miséria durante uma década.

A REAÇÃO OPERÁRIA E POPULAR

Lenin, em sua obra *Imperialismo, etapa superior do capitalismo* (1916), afirma que estávamos entrando numa nova época do capitalismo (a sua fase monopolista) que seria marcada por **crises, guerras e revoluções**. Como vemos, sua previsão sobre as crises e guerras estava absolutamente certa. E, como veremos agora, também sobre as revoluções. Durante a própria guerra e nos anos que a precederam, registaram-se grandes levantes

revolucionários⁵. Ao mesmo tempo, a derrota das revoluções na Alemanha e na Itália, a traição stalinista ao processo alemão e a guerra civil espanhola, combinadas com a situação de crise que descrevemos, podem explicar a ascensão do fascismo e a chegada de uma nova guerra mundial.

O RESULTADO

Assim, o fascismo foi o instrumento utilizado pelos capitalistas para evitar que a agitação dos trabalhadores e dos setores populares, resultado da guerra e das crises, fosse conduzida ao socialismo. Não foi a primeira opção, antes disso tentaram com os partidos reformistas e dirigentes sindicais traidores. Quando já não era mais suficiente, apostaram no confronto direto. Ou seja, institucionalizaram a perseguição e a aniquilação dos trabalhadores e das suas organizações, através de regimes anti-democráticos, autoritários e sem qualquer liberdade, como forma de resolver a crise do capitalismo imperialista.



Da esq. para dir.: os corpos dos fascistas Nicola Bombacci, Benito Mussolini, Clareta Petacci, Alessandro Pavolini e Achille Starace exibidos na praça de Loreto, Milão, em 1945.

Nas palavras de Trotsky: “*o fascismo no poder é tudo, menos o governo da pequena burguesia. Ao contrário, é a ditadura mais implacável do capital monopolista [...] Suas tarefas são dadas pelo capital monopolista. A concentração compulsiva de todas as forças e recursos nacionais para os interesses do imperialismo*”⁶.

O QUE PODERIA SER EVITADO

O triunfo do fascismo não foi inevitável, foi a consequência da combinação de todos os fatores acima mencionados, com uma política ineficaz da direção da Terceira Internacional e da URSS, ambas nas mãos de Stalin e dos seus lacaios.

Em 1938, Trotsky escreveu: “*Se me perguntarem como o governo soviético, que surgiu da revolução de outubro, esmagou o movimento revolucionário na Espanha, a resposta é simples: uma nova casta burocrática privilegiada, muito conservadora, gananciosa e tirânica, conseguiu se elevar acima dos sovietes. Essa burocracia não confia nas massas, as teme*”⁷. Ái está a explicação fun-

damental sobre a Terceira Internacional não conseguir derrotar o fascismo, apesar de ter uma política para esse fim desde os anos 1920.

Dizemos isto porque, sob a direção dos bolcheviques e com importantes partidos da Europa Ocidental, a Internacional Comunista começou a analisar o novo fenômeno do fascismo desde o início de 1920 e elaborou políticas de ação para o enfrentar muito antes de este ter tomado o poder político em vários países. Essas elaborações foram aprofundadas nas Teses do Congresso de 1922 com a Frente Única, que afirmavam: *“Uma das tarefas mais importantes dos partidos comunistas consiste em organizar a resistência contra o fascismo internacional, organizando-se à frente de todo o proletariado na luta contra os bairros fascistas e aplicando energicamente as táticas da frente única também neste campo”*⁸.

Essa tática consistia na unidade de ação de todas as forças operárias, participando e promovendo ações unitárias com os partidos reformistas, mantendo a independência política revolucionária, para disputar o movimento operário com essas direções.

Após a morte de Lenin e a perseguição contra Trotsky, o stalinismo tomou a direção da URSS e também da Internacional, adotando, a partir de 1928, uma política absolutamente errada que ficou conhecida como o “terceiro período” e que consistiu num giro absurdamente sectário⁹.

Esse crime histórico conduziu não só ao triunfo do fascismo, mas também à Segunda Guerra Mundial. Depois desse desastre, o stalinismo fez outro giro político ao defender as frentes populares, ou seja, a unidade política com as forças reformistas e burguesas¹⁰.

TRAGÉDIA E FARSA

Marx dizia que a realidade se repete, primeiro como tragédia e logo como farsa. Atrevemo-nos a parafraseá-lo neste artigo para sustentar uma hipótese: a extrema direita atual é uma tentativa de repetir a tragédia fascista que descrevemos. Embora seus regimes não sejam ainda fascistas, tentam chegar lá. O objetivo final pode ser visto hoje no regime de Netanyahu.

O QUE SÃO?

Para ajudar a compreender essa hipótese, é útil resgatar as definições¹¹ de Clara Zetkin, que em 1923 fez uma análise muito precisa sobre o fascismo. Ela definiu o fascismo não como uma reação da burguesia à ascensão dos trabalhadores, mas como consequência da ascensão dos trabalhadores não se aprofundar como ocorreu na revolução russa. Explicou que a composição social do fascismo é um aspecto que a distingue de outras forças contrarrevolucionárias, não sendo uma casta pequena e exclusiva, mas de massas, incluindo o proletariado.

Sobre as origens, entende que é, por um lado, a expressão da decadência econômica capitalista e do sintoma da crise do Estado burguês. E, por outro lado, a consequência do atraso da revolução mundial resultante da atitude traidora dos dirigentes reformistas que enganam as massas fazendo-as perder a fé não só nos dirigentes

reformistas, mas também no socialismo e na sua própria classe. O fascismo consegue chamar a atenção das massas usando demagogicamente um programa de saídas que atende e lê as suas exigências. No entanto, quando chegam ao poder, não conseguem cumprir nenhuma das promessas sociais e causam uma grande derrota das reivindicações.

A partir dessas definições, podemos ler a extrema direita atual. Vejamos primeiro o problema da origem: se existe Trump, Meloni, Milei, Orban e companhia no mundo, é porque a burguesia não conseguiu resolver a profunda crise sistêmica do capitalismo imperialista desde 2008. No início desta crise, o papel de sustentação do sistema foi desempenhado pelos partidos tradicionais e pelos seus regimes. Isso provocou um enorme questionamento social e uma busca por alternativas, que a princípio foi à esquerda. Mas, as forças reformistas tomaram algumas medidas parciais e em geral aplicaram os ajustes brutais exigidos pelo imperialismo, traendo o mandato popular. Essa decepção, somada ao fracasso das velhas estruturas políticas, provocou uma nova busca, agora à direita. Novamente, como nos anos 1920, a combinação de crise, miséria e desilusão das massas nos traz a possibilidade do ressurgimento do fascismo.

Se as definições de Zetkin sobre a origem do fascismo se aplicam, são igualmente exatas em termos da composição social. Não se trata da representação de pequenas elites, mas de ganhar amplos setores sociais com respostas demagógicas, prometendo resolver o que a velha política não conseguiu. Mais uma vez, conseguem encantar setores desencantados com tudo.

A extrema direita não foi a primeira escolha do capitalismo imperialista, que tentou a missão de super explorar cada vez mais trabalhadores mundialmente para ampliar a mais valia, fosse cumprida pelas forças políticas tradicionais ou pelas organizações reformistas e sindicatos traidores. Mas vendo o fracasso de todas na realização do seu plano, hoje adota a extrema direita como seu projeto. O exemplo de Trump é muito claro, em 2016 era um *outsider* sem o apoio sequer de seu próprio partido, hoje tem um enorme apoio político e econômico do *establishment*.

Sobre os regimes, é verdade que, aparentemente, a extrema direita permanece nas margens institucionais da democracia liberal. Mas agora isso começa a ser posto em dúvida. Há avanços concretos em regimes mais autoritários que res-

tringem e limitam as liberdades democráticas fundamentais, com mais repressão e perseguição contra as organizações dos trabalhadores e da esquerda. Mas, ao contrário do que acontecia no século passado, ainda não transformou o apoio da sua base social em violência organizada.

Por fim, há um elemento chave para a leitura destes fenômenos: a disputa interimperialista pela hegemonia mundial, cada vez mais acirrada e intensificada pela política internacional de Trump, que chutou a mesa, questionando as configurações institucionais construídas após a Segunda Guerra Mundial. E, embora não estejamos hoje à beira de uma Terceira Guerra Mundial, é uma das opções para o acerto do equilíbrio de forças, que se encontra sob tensão histórica.

COMO ENFRENTÁ-LOS?

O esforço para uma ampla definição da extrema direita atual não é um exercício acadêmico, mas uma necessidade para enfrentá-la e derrotá-la, e para isso é fundamental aprender com os erros históricos. O stalinismo, no momento da ascensão do fascismo, no primeiro momento foi sectário e, logo depois, oportunista, passando de “não acordo com os reformistas” - sobre a unidade na luta - às Frentes Populares para governar com estes. Já vimos como os trabalhadores pagaram caro por este desastre.

Acreditamos que no momento atual a unidade de ação para a luta, com absoluta independência para dizer tudo o que pensamos, é fundamental. A frente única dos trabalhadores e a unidade de ação nas ruas são táticas para defendermos e construirmos. É a condição necessária para enfrentar a extrema direita e derrotá-la antes que se aprofunde ao fascismo, e o único terreno que se mostra eficaz para isso é a rua. Não será pela via parlamentar que conseguiremos enfraquecer o monstro, os golpes mais importantes serão desferidos pelas mobilizações, como as que aconteceram na Argentina em 24 de março, nos EUA com o *Hands Off*, na Alemanha com os protestos anti-nazis, etc. Nas ruas devemos bater como um só punho, sem deixar de lado nossas críticas e opiniões. Esta é a forma não só de reforçar a luta, mas também de desmascarar aqueles que dizem querer derrotá-los mas não fazem o que é necessário a se fazer. É por isso que a política ultraesquerdista da organização internacional Fração Trotskista (FT) é tão errada.

A unidade nas ruas não pode ter contrapartida política, pela simples razão de que o que está em jogo nessa arena é qual projeto de superação da extrema direita, e isso não pode ser uma repetição das frustrações que lhe abriram as portas. Portanto, a solução não pode ser a construção de uma Frente Popular. Na verdade, deve ser uma alternativa política anti-imperialista, anticapitalista e socialista. Trotsky disse: “Se o partido comunista é o partido da esperança revolucionária, o fascismo, como movimento de massas, é o partido do desespero contrarrevolucionário”¹². Hoje, mais do que nunca, é tarefa dos revolucionários de todo o mundo construir essa esperança revolucionária, uma alternativa política que seja a única capaz de se opor de forma consequente à extrema direita e cumprir o papel histórico que o tempo exige de nós: impedir o triunfo do fascismo e construir a revolução socialista internacional. ☭



¹ Grupo armado dirigido por Mussolini, com um programa ultranacionalista, anti-neutralidade e expansionista. Sua atividade consistia no ataque sistemático e na perseguição de civis, militantes, dirigentes operários e de esquerda.

² Em 1923, foi tentado um golpe de Estado que falhou e Hitler foi condenado a 5 anos de prisão, embora tenha passado apenas 8 meses atrás das grades. O julgamento, em que lhe foi dado tempo ilimitado para se defender, serviu para propagar nacionalmente suas ideias.

³ Trotsky, L. A crise revolucionária madura (extratos de cartas a Andrés Nin). 1930.

⁴ Lenin, V. I. O socialismo e a Guerra. 1915.

⁵ Pela primeira vez na história, uma revolução socialista triunfou na Rússia (1917). Houve também tentativas revolucionárias na Alemanha (1918 e 1923), na Itália (entre 1919 e 1920) e, mais tarde, na Espanha (1936).

⁶ Trotsky, L. O que é o nacional-socialismo?. 1933

⁷ Trotsky, L. Lutar contra o imperialismo para lutar contra o fascismo. 1938.

⁸ IV Congresso da Internacional Comunista, 1922.

⁹ Rejeitava qualquer tática de unidade com o reformismo, compreendida como a outra face do fascismo, promovendo ações ultraesquerdistas que os distanciaram das massas trabalhadoras ao mesmo tempo que os aproximavam da social-democracia, na ausência de uma política verdadeiramente revolucionária.

¹⁰ Foi o que aconteceu na França, em 1935. Também na Espanha, onde o papel do stalinismo foi fundamental para que a guerra civil contra Franco terminasse com uma pesada derrota para a classe trabalhadora e a imposição de uma ditadura fascista que duraria décadas.

¹¹ Informe apresentado na terceira sessão da Plenária ampliada do Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC), junho de 1923.

¹² Trotsky, L. O giro da Internacional Comunista e a situação na Alemanha. 1930.

A VISÃO MARXISTA da inovação capitalista

POR MARTÍN FUENTES



Recentemente, as novas direitas estreitaram seus laços com o grande capital vinculado às novas tecnologias. A inclusão de Elon Musk no gabinete trumpista foi, sem dúvida, um fato emblemático¹. A visão reacionária sobre o uso da tecnologia no capitalismo contemporâneo causa intensos debates entre o ativismo e a intelectualidade. O marxismo, ao considerar a dimensão social do fenômeno, permite esclarecer alguns pontos da discussão.

A pandemia de 2020 abalou o mundo. Desde então, a combinação entre crise econômica e polarização social fez da incerteza a nova normalidade. Para milhões de jovens, as expectativas de um futuro melhor foram por água abaixo ao ver como o aprofundamento da crise impedia o acesso aos direitos mais elementares.

O descontentamento geracional impulsionou a crise e o enfraquecimento das estruturas políticas tradicionais. A frustração provocada pelas direções políticas reformistas pavimentou o caminho que a nova direita soube ocupar na política e nas redes sociais. Onde antes se difundiam as causas

dos ativistas da Primavera Árabe ou da Maré Feminista, passaram a proliferar discursos xenofóbicos, machistas e de ódio, moldados pela nova conjuntura.

IN DOGE WE TRUST²

O apoio das big techs à extrema direita preocupa, especialmente quando se considera que seus CEOs estão entre os homens mais ricos do mundo — ou seja, representam o setor mais poderoso da burguesia na atualidade. Seria necessário um estudo mais profundo para verificar se esse apoio é homogêneo, mas ao menos podemos destacar alguns casos em que figuras centrais do capitalismo tecnológico abraçaram o reacionarismo, abandonando posições anteriores.

A lista de bilionários da Forbes é atualmente liderada por três empresários que coincidiram no giro de suas ideologias e optaram por apoiar Trump em sua última campanha. Elon Musk,

o mais rico, apoiou o atual presidente republicano com mais de 250 milhões de dólares para as eleições, seguido por Mark Zuckerberg com 1 milhão de dólares e Jeff Bezos, que também contribuiu com o mesmo valor.

O principal porta-voz do processo de aproximação político-empresarial é, sem dúvida, Musk. A partir do DOGE, ele impulsiona uma agenda de neoliberalismo 2.0 com cortes em distintos tópicos orçamentários e demissões em massa, replicando a tirania antioperária que impõe em suas empresas³. No entanto, em outro momento, o dono da OpenAI chegou a se declarar “politicamente moderado”. Da mesma forma, Zuckerberg e Bezos degeneraram para posições cada vez mais reacionárias e conservadoras (Frenkel e Isaac, 2025).

← Post

Elon Musk  
@elonmusk

Thanks Jack. To be clear, I am not a conservative. Am registered independent & politically moderate. Doesn't mean I'm moderate about all issues. Humanitarian issues are extremely important to me & I don't understand why they are not important to everyone.

Traducir post

7:46 p. m. · 14 jul. 2018

0 mil

3 mil

35 mil

96

↑

Tradução: “Obrigado, Jack. Para que fique claro, não sou conservador. Estou registrado como independente e sou politicamente moderado. Isso não significa que seja moderado em todos os temas. As questões humanitárias são extremamente importantes para mim e não entendo por que não são para todos”. - 14 jul. 2018.

Apesar disso, o jornalismo questiona até que ponto essa relação com Trump pode se sustentar diante das oscilações de sua política. Um primeiro alerta acendeu-se entre os empresários com o aumento das tarifas alfandegárias, que causaram perdas milionárias aos três empresários. Musk, por sua vez, gerou polêmica ao pedir a remoção das tarifas para a Europa.

Mas, além das divergências, cabe perguntar: de onde vem a simpatia entre empresários tecnológicos e políticos conservadores? O que motivou essa mudança de opiniões?

UM ANTECEDENTE: A “IDEOLOGIA CALIFORNIANA”

O economista Cedric Durand fala da “ideologia californiana” como um prenúncio da visão política direitista dos setores ligados às novas

tecnologias. Essa ideologia resultaria da fusão entre a contracultura hippie dos anos 1960 e os princípios empresariais do livre mercado. Até os anos 90, as ideias críticas que haviam se disseminado entre a juventude acabaram por nutrir o pensamento conservador. Um ponto emblemático foi a conferência “Cyberspace and the American Dream”, realizada em 1994 e organizada pela Progress & Freedom Foundation (PFF). Dela surgiu o manifesto intitulado *A Carta Magna for Knowledge Age*, no qual foram expressos os princípios da ideologia californiana e sua visão sobre as novas tecnologias, a economia, a cultura e a política.

As propostas contidas na “carta” ressoam em muitas das ideias da extrema direita atual. A substituição da agricultura e da indústria pela era da informação projeta-se como uma transição onde a nova era “liberta suas promessas”, deixando para trás as atitudes do passado. A base da proposta consiste na “retirada do Estado, uma intensificação da concorrência e uma grande cavalgada empresarial portadora de soluções tecnológicas para os problemas urgentes da humanidade e, mais imediatamente, para as dificuldades dos Estados Unidos”.

Sem dúvida, muitos desses aspectos inspiraram Musk e companhia. Mas as particularidades do presente exigem uma atualização das análises e caracterizações. No entanto, Durand, junto a uma série de intelectuais preocupados com os novos fenômenos tecnológicos, propõe conceituações chamativas, mas que acabam recaendo na confusão e no equívoco. É o caso do “tecnofeudalismo”.

INTERPRETAR SEM TRANSFORMAR

Segundo Morozov, “A tese tecnofeudal não é produto do avanço da teoria marxista contemporânea, mas sim de sua aparente incapacidade de compreender o sentido da economia digital”. Podemos dizer que a ausência de uma teoria adaptada à conjuntura atual levou um setor da intelectualidade reformista a sugerir que o capitalismo tradicional teria sido substituído por um novo modo de produção. O suposto deslocamento da burguesia por uma nova classe dominante implica no desenvolvimento de novas teorias de conciliação de classes. Mas em que consiste essa tese?

Para Durand, os CEOs diversificaram as formas de obter a renda que acaba substituindo o lucro no capitalismo atual, e todo o investimento está concentrado nas “forças de predação” — estruturas de controle que limitam as liberdades individuais —, o que colocaria em dúvida a continuidade do capitalismo no presente. O que Morozov questiona é que essa proliferação de categorias termina por “ver rentistas em toda parte [...] mas nenhum capitalista”.

Basta revisar os próprios escritos de Marx para entender que as empresas automatizadas são tão capitalistas quanto aquelas repletas de trabalhadores assalariados, afirma Morozov. Os setores da burguesia que controlam as cadeias mais “automatizadas” da produção se beneficiam da mais-valia extraída nos setores com maior presença de trabalho humano.

Por outro lado, a ênfase nas “forças de predação” contradiz

a própria tese tecnofeudal sobre o suposto recuo do Estado na dominação dos setores populares. Os vínculos entre o Sillicon Valley e Washington são antigos e hoje vemos um novo capítulo dessa história, protagonizado por Elon Musk, no qual se estreitam os laços entre a burocracia estatal e a burguesia. As *big techs* cresceram — e continuam crescendo — à custa do Estado (e não apesar dele).

A visão cética do reformismo é o outro lado da moeda do triunfo da extrema direita. Exemplos como o de Varoufakis e suas teses de conciliação de classes mostram que os responsáveis pelas frustrações de ontem são muitas vezes os autores das justificativas de hoje.

Esclarecido o debate sobre o caráter burguês e capitalista das *big techs*, permanece em aberto a explicação da “direitização” do empresariado tecnológico.

INOVAÇÃO E EXPLORAÇÃO

O problema da inovação no capitalismo é que cada avanço tecnológico tem como objetivo aumentar o lucro empresarial por meio da exploração da classe trabalhadora. É o lucro que guia a inovação no capitalismo — e não o contrário. Rejeitando as visões neoclássicas que negam o caráter social da mudança tecnológica, a partir do marxismo se entende a inovação a partir de dois fatores: o capital e o trabalho, “os dois polos da relação social dominante sob o capitalismo” (Katz, 1996, p. 5).

Ou seja, a valorização do capital por meio do trabalho é o que motiva os capitalistas a introduzir novas tecnologias. A mais-valia — extraída do trabalhador —, quando o mínimo de subsistência não pode mais ser reduzido, só pode ser aumentada por meio da maior produtividade, alcançada com a incorporação de ferramentas mais sofisticadas. Mas o valor das mercadorias provém do trabalho humano — não da ferramenta (inclusive, a IA). Por isso mesmo, a “substituição” da força de trabalho humana é apenas uma utopia reacionária sonhada por Musk e pela grande burguesia.

Nesse sentido, a mudança tecnológica de cada momento histórico está determinada pelas mudanças nas leis de acumulação vigentes. Hoje, a extrema direita apostava na mudança tecnológica como caminho para a “eficiência” — que nada mais é do que a busca pelo aumento da produtividade e da mais-valia. Do mesmo modo, reforçam-se os mecanismos de controle social via cibersegurança para enfrentar o descontentamento da classe trabalhadora.

Para o marxismo, não existe vínculo indissolúvel entre capitalismo e inovação. Ao contrário, a burguesia se coloca como obstáculo ao desenvolvimento quando subordina o progresso tecnológico ao lucro, impedindo melhorias que beneficiam toda a humanidade. A partir dessa perspectiva, o futurismo de Musk, Zuckerberg e Bezos conduz inevitavelmente a um sistema de barbárie em que o benefício se concentra nas mãos do 1% mais rico da sociedade. Para tanto, precisam de expressões

políticas dispostas a esmagar as vozes da resistência. A democracia liberal e os partidos tradicionais parecem ter atingido seu limite para cumprir o papel que a burguesia exige e por isso hoje a extrema direita deslocou essas expressões políticas.

A tecnologia, nas mãos dos capitalistas, se apresenta como um instrumento de opressão social, que leva a mais exploração do trabalho e desemprego, difusão de discursos de ódio e subordinação do conhecimento científico aos interesses do extrativismo e da indústria militar.

Mas o problema não é a tecnologia em si — é o capitalismo. É possível opor a “substituição” à redistribuição das horas de trabalho, para que todos trabalhem e trabalhem menos, combater a irracionalidade da produção nas mãos da burguesia, produzindo o necessário e redistribuindo tudo. Mas isso só será possível com um governo revolucionário da classe trabalhadora. Por isso, é necessário fortalecer uma alternativa socialista que leve até o fim a luta por uma verdadeira democratização da ciência e da tecnologia a serviço das necessidades populares. 

REFERÊNCIAS

Durand, C. (2021). *Tecnofeudalismo. Crítica de la economía digital*. La Cebra y Kaxilda.

Frenkel, S. y Isaac, M. (9 de enero de 2025). *La evolución política de Mark Zuckerberg*. <https://www.nytimes.com/es/2025/01/09/espanol/negocios/mark-zuckerberg-meta-facebook-politica.html?auth=login-google1tap&login=google1tap>

Fuentes, M. (27 de marzo de 2025). *“Tecnofeudalismo” y el renegado Varoufakis*. <https://lis-isl.org/es/2025/03/tecnofeudalismo-y-el-renegado-varoufakis/>

Katz, C. (1996). La concepción marxista del cambio tecnológico. *Revista Buenos Aires pensamiento económico*, 1.

Morozov, E. (2022). Crítica de la razón tecnofeudal. *New Left Review*, 133/134.

-
1. Musk saiu oficialmente do governo Trump no final de maio.
 2. Pode ser traduzido como “Em DODGE confiamos”, em referência ao slogan do dólar “In God We Trust”. D.O.G.E. (Department of Government Efficiency, Departamento de Eficiência Governamental) é o departamento atualmente chefiado por Elon Musk.
 3. As polêmicas demissões em massa na Tesla e X/Twitter, de acordo com as declarações antissindicais de Musk, refletem o despotismo dos capitalistas.



UCRÂNIA

A ALIANÇA IMPERIALISTA entre Trump e Putin

Naturalmente, Donald Trump quer entrar para a história. Para um político na fase final de sua trajetória, esse é um desejo bastante compreensível. Resta escolher os meios mais eficazes para esse objetivo. E parece que Trump já escolheu...

Mergulhar o mundo num estado de caos total e destruir todos os pilares da ordem global existentes há décadas desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

É claro que essa ordem mundial do passado estava longe de ser ideal ou justa. Baseava-se nas regras da globalização capitalista mundial, onde o conjunto do imperialismo ocidental (o “eixo do bem”) mascarava seus interesses econômicos sob o manto liberal da “defesa dos direitos humanos” e da “luta pela democracia”. A política externa expansionista, sob a doutrina liberal, exigia que os EUA realizassem enormes investimentos para subornar governos e políticos influentes em todo o mundo.

Isso, por sua vez, incentivava a fuga de grandes segmentos da produção e do capital dos países do chamado “bilhão dourado” até os países em desenvolvimento com regimes burocráticos corruptos, com seus “paraísos fiscais”

que facilitaram a evasão fiscal e com mão de obra barata que reduzia drasticamente os custos de produção. Os produtos fabricados fora dos EUA eram direcionados deliberadamente ao mercado estadunidense, gerando lucros colossais aos proprietários norte-americanos das corporações transnacionais — ao mesmo tempo em que aumentavam ao máximo o déficit comercial dos EUA, que em janeiro de 2025 atingiu 130 bilhões de dólares. Já a dívida pública dos Estados Unidos, em 24 de março de 2025, estava estimada em 36,64 trilhões de dólares — cerca de 107 mil dólares por cidadão estadunidense.

Está claro que manter essa clientela mundial tem um custo exorbitante aos EUA. A imensa estrutura da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID, na sigla em inglês), sob o patrocínio liberal do Partido Democrata, havia se tornado em grande parte autônoma, a ponto de já ser difícil determinar em que medida ainda executava os interesses dos EUA ou simplesmente se dedicava a “gerir” (leia-se: saquear) o orçamento estadunidense.

POR OLEG VERNYK

Durante anos, a atuação da USAID na Ucrânia se baseou nesses princípios de suborno e corrupção de altos funcionários e políticos ucranianos, bem como na criação de organizações da “sociedade civil” financiadas pelos EUA. O presidente Volodymyr Zelenski, durante o primeiro mandato presidencial de Trump, tentou equilibrar os interesses dos republicanos de Trump e dos democratas de Biden. Chegou inclusive a abrir investigações criminais contra a empresa ucraniana Burisma, onde trabalhava Hunter Biden, filho de Joe Biden. É evidente que este emprego estava diretamente vinculado ao parentesco e às vantagens que oferecia.

No entanto, após a vitória eleitoral de Joe Biden em novembro de 2020, Zelenski foi obrigado a mudar de postura e rapidamente arquivou todos os processos ligados à Burisma e a Hunter Biden. Desde então, o presidente ucraniano passou a estar rigidamente submetido ao bloco liberal-globalista liderado pelo Partido Democrata estadunidense, algo que Trump conhece muito bem e que influenciou diretamente sua atitude em relação a Zelenski e, consequentemente, à guerra russo-ucraniana.

De toda forma, já estamos assistindo como a guerra comercial anunciada por Trump provocou colapsos massivos em praticamente todas as principais bolsas de valores do mundo. Crescem as previsões de que esse caos marcará o fim do século estadunidense. Os EUA estão abrindo mão não apenas do papel como defensores dos valores liberais no mundo, mas também de liderança enquanto economia central do chamado “mercado livre”.

O “mercado livre” sempre foi uma categoria fictícia e bastante distante das reais relações econômicas e comerciais na era do imperialismo. O protecionismo, as cotas de importação e as tarifas restritivas sempre acompanharam o comércio mundial e o discurso sobre o “mercado livre” apenas disfarçava os interesses econômicos dos grandes atores globais. Mas parece que Trump cansou dessa hipocrisia. Já anunciou a possível retirada dos EUA da Organização Mundial do Comércio (OMC) e, recentemente, bloqueou a nomeação de novos juízes para seus tribunais, o que pode paralisar a capacidade da OMC de emitir sentenças. Além disso, em março de 2025, os EUA sus-

penderam o pagamento de suas contribuições financeiras referentes a 2024 e 2025 à OMC.

PREMISSAS DE UM PACTO IMPERIALISTA ENTRE EUA E RÚSSIA

Hoje, analistas se desdobram para tentar explicar por que Trump se aproximou de Putin. O New York Times — principal porta-voz da burguesia liberal estadunidense — publicou recentemente: “*O giro de Trump rumo à Rússia de Putin altera a política dos EUA para as próximas gerações*”.

Entre os motivos dessa reorientação, destaca-se a intenção de enfraquecer a Europa Ocidental, que se tornou concorrente do imperialismo norte-americano. O Político cita um diplomata europeu anônimo que afirma: “*Agora temos uma aliança entre um presidente russo que quer destruir a Europa e um presidente americano que também quer destruir a Europa*”. De fato, Trump destruiu em poucos meses o próprio conceito de “cooperação transatlântica”, dissolvendo na prática o bloco imperialista da OTAN.

Também mencionamos o interesse de Trump em romper a sólida aliança militar e econômica entre os novos imperialismos da China e da Rússia. Ele anunciou um aumento tarifário de 125% sobre as importações chinesas, enquanto a Rússia e seu satélite Belarús ficaram milagrosamente de fora da lista de países afetados. A explicação de sua administração, de que esses países “*não comercializam com os EUA*”, soa mais como cinismo do que estupidez: até ilhas desabitadas onde somente há pinguins foram sancionadas.

A Ucrânia em sangue, vítima da agressão imperialista russa, recebeu uma tarifa de 10%, enquanto nenhuma foi imposta ao agressor. Não é difícil supor que essa tarifa zero incentivará investimentos estrangeiros nas economias da Rússia e Belarús, dominadas pelos regimes autoritários de Putin e Lukashenko. Trump espera que esse gesto sem precedentes seja devidamente valorizado por Putin e provoque a ruptura dos laços econômicos, políticos e militares entre Rússia e China — verdadeiro objetivo das sanções impostas por Trump.

OS ANTECEDENTES DO PACTO IMPERIALISTA ENTRE EUA E RÚSSIA

Já apontamos que a colaboração entre os imperialismos estadunidense e russo — ou seja, a

aproximação estreita entre Trump e Putin — teve como reflexo imediato a aproximação entre os EUA e o ditador bielorrusso Aleksandr Lukashenko. A equipe de Trump anunciou que em breve será assinado um novo “acordo” que prevê a interrupção das sanções econômicas e pessoais contra Belarus e Lukashenko, em troca de uma anistia a alguns presos políticos.

Nesse contexto global, poucos se surpreenderam quando os EUA se retiraram do grupo responsável por investigar os crimes cometidos pela Rússia na Ucrânia. The New York Times, citando fontes próprias, afirmou que essa decisão indica que *“a administração Trump se desvincula do compromisso assumido por Biden de responsabilizar pessoalmente Putin pelos crimes cometidos contra os ucranianos”*.

Outro aspecto importante relacionado a esse pacto imperialista é a visão de Trump sobre a ordem mundial criada pelos acordos de Yalta, em 1945, que ele considera desvantajosa ao imperialismo estadunidense. Trump enxerga esses acordos como correntes que impediram os EUA de superar seus concorrentes — e dos quais, segundo ele, é necessário se libertar para manter a hegemonia global.

A agressão armada de Putin contra a Ucrânia forneceu a Trump um exemplo perfeito de como desprezar abertamente o direito internacional e seus princípios fundamentais, como a inviolabilidade das fronteiras e a condenação às guerras de conquista. Por isso, a legitimação das ações de Putin e sua reabilitação como político aceitável ao Ocidente se tornaram um objetivo estratégico central da política externa de Trump. Isso também permitiria justificar e legitimar futuras agressões imperialistas por parte dos EUA contra qualquer país ou povo que atravesse seu caminho.

Trump está retirando todas as máscaras do imperialismo norte-americano de “defesa da democracia e dos direitos humanos” e revelando sua forma original de “lei do capitalismo selvagem”. Esse imperialismo agressivo já não precisa de “aliados” nem de “parceiros”. As ameaças de anexação territorial contra países membros da OTAN, como Dinamarca e Canadá, confirmam isso. A única exceção parece ser Israel, considerado um enclave imperialista no Oriente Médio e uma ferramenta de pressão sobre os regimes árabes produtores de petróleo e gás.

Trump sente profunda admiração — e até inveja — por Putin. Sua personalidade autoritária e antidemocrática já entra em choque com os princípios democráticos da constituição burguesa dos EUA, como a impossibilidade de exercer mais de dois mandatos presidenciais. Desde sua reeleição, Trump tem insinuado a possibilidade de concorrer a um terceiro mandato. Os cinco mandatos do ditador autoritário Putin são, para ele, um “sonho cor-de-rosa”, um modelo a ser imitado — ainda que ele esteja limitado pelas amarras de uma democracia que está disposta a jogar no “lixo da história”.



CONSPIRAÇÃO CONTRA A UCRÂNIA: A REENCARNAÇÃO DOS ACORDOS DE MUNIQUE¹

Neville Chamberlain, Édouard Daladier, Adolf Hitler e Benito Mussolini conformando o “Pacto de Munique”.

Vale recordar a cronologia dos últimos acontecimentos. Em 12 de fevereiro de 2025, o presidente dos EUA, Donald Trump, publicou em sua rede social Truth uma conversa telefônica com o presidente da Rússia, Vladimir Putin. Esse tuíte de Trump literalmente sacudiu os meios de comunicação globais e caiu como uma bomba na comunidade internacional. Trump afirmou que teve uma “longa e produtiva conversa telefônica com Putin” e expressou seu desejo de que a cooperação entre os EUA e a Rússia beneficiasse “ambos os países”. Assim, EUA e Rússia acordaram iniciar negociações para encerrar a guerra na Ucrânia — sem sequer informar a Ucrânia sobre o início dessas negociações separatistas entre potências imperialistas, realizadas pelas suas costas.

É interessante destacar que, posteriormente, nas negociações realizadas na Arábia Saudita, na mesa EUA-Rússia, participaram o secretário de Estado norte-americano Marco Rubio, o diretor da CIA John Ratcliffe, o assessor de segurança nacional Mike Waltz e o representante especial para o Oriente Médio, Steve Witkoff. Como se pode notar, Trump, ao montar essa delegação, levou em consideração todos os desejos de Vladímir Putin. Em particular, a pedido de Putin, foi excluído da delegação o Representante Especial da Presidência dos EUA para a Ucrânia, Keith Kellogg, que até recentemente ainda se permitia mencionar publicamente os interesses da Ucrânia.



O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelenski, aguardava até o último instante que algum “plano de paz de Trump” fosse apresentado na Conferência de Segurança de Munique, da qual participou. No entanto, Trump e Putin ignoraram não apenas Zelenski, mas também os chamados “parceiros europeus dos EUA”, que tradicionalmente insistiam em participar das negociações para pôr fim à guerra entre Rússia e Ucrânia.

No dia 15 de fevereiro de 2025, durante sua fala na Conferência de Segurança de Munique, Volodymyr Zelenski expressou de forma categórica seu desacordo com a política de Trump em relação às negociações separadas com a Rússia, insinuando que Trump havia traído os interesses da Ucrânia. Em seu discurso, Zelenski tentou se dirigir aos principais países da União Europeia em busca de apoio militar e financeiro, entendendo que já não podia mais contar com

a administração Trump. No entanto, parece evidente que a ajuda militar conjunta por parte da União Europeia à Ucrânia será muito limitada — e não pode, nem de longe, se comparar em volume ou capacidade ao apoio dos EUA que, ao que tudo indica, chegou ao fim.

Atualmente, é importante destacar que este mitológico *“plano de paz de Trump”* ainda não foi anunciado nem apresentado publicamente. Mas suas linhas gerais já são evidentes para todos. Na tentativa de agradar Putin, Trump excluiu completamente das negociações atuais a questão dos territórios ucranianos invadidos pela Rússia entre 2014 e 2022 (Crimeia e parte de Donbass), e contempla-se um cessar-fogo e o congelamento do conflito ao longo da atual linha de frente. Ao mesmo tempo, prevê a retirada da maioria das sanções econômicas e pessoais impostas pelos EUA à Rússia. Essa proposta, sem dúvida, agrada a Putin, já que a Rússia se encontra enfraquecida diante da heroica resistência ucraniana e da ausência de avanços significativos na linha de frente.

Trump e sua equipe apontam constantemente o caráter altamente corrupto do regime de Zelenski, seus baixos índices de aprovação, além do fato de que a Ucrânia precisa, enfim, realizar eleições presidenciais e parlamentares. Uma das ameaças mais sérias ao governo Zelensky por parte da equipe de Trump foi a possibilidade de uma auditoria financeira completa da ajuda militar enviada pelos EUA à Ucrânia. O jornalista Tucker Carlson, aliado de Trump, chegou a acusar abertamente Zelenski de que armas fornecidas à Ucrânia haviam aparecido em posse de cartéis de drogas mexicanos. Carlson não apresentou provas — mas aparentemente elas não eram necessárias, já que essas acusações foram feitas, acima de tudo, para exercer controle total sobre Zelenski antes do “acordo” entre Trump e Putin.

Ciente da fragilidade de sua posição, Volodymyr Zelenski propôs a Donald Trump a exploração exclusiva, beneficiando os EUA, dos minerais de terras raras ucranianos. Zelensky esperava que Trump, como empresário, fosse atraído por essa oferta e continuasse o fornecimento de armas à Ucrânia. No entanto, caiu na armadilha de Trump. Este aceitou a proposta com entusiasmo — não para manter o envio de armas, mas para utilizá-la como argumento para exigir da Ucrânia o reembolso pelo armamento já enviado.

Naturalmente, quando Zelensky se deu conta do erro, tentou de alguma forma desfazer esse “acordo” ou ao menos obter de Trump alguma promessa de apoio futuro dos EUA. No entanto, é importante lembrar que, apesar de Zelensky ter feito desaparecer da cena midiática os opositores políticos, a sociedade ucraniana reagiu muito negativamente à ideia de vender os recursos naturais do país aos estadunidenses. Segundo a Constituição da Ucrânia, os recursos naturais pertencem ao povo ucraniano e o presidente não tem direito de dispor deles unilateralmente.

O escândalo de 28 de fevereiro de 2025 no Salão Oval da Casa Branca entre Zelensky e Trump, deixou claro ao mundo que Trump não se importa minimamente com as “garantias de segurança para a Ucrânia”. Mas tem profundo interesse na exploração colonial dos minerais de terras raras em território ucraniano. A posterior suspensão do envio de armamentos e de informações de inteligência por parte dos EUA literalmente deixou Zelensky de joelhos perante Donald Trump. O lado estadunidense elaborou e propôs à Ucrânia um acordo ainda mais predatório sobre os minerais de terras raras, que entrega o controle total do setor extrativo ucraniano aos EUA.

É necessário mencionar também que as promessas de Trump de pôr fim rapidamente à guerra enfrentam o jogo diplomático de Putin, que vem adiando as negociações de paz enquanto se prepara para uma nova ofensiva militar em maior escala. É improvável que Trump imponha novas sanções à Rússia, mesmo que essa tática de protelação se torne evidente. Por outro lado, a economia russa já mergulha rapidamente em uma recessão e as guerras comerciais caóticas iniciadas por Trump provocaram uma queda nos preços do petróleo, dos quais depende a capacidade da Rússia para sustentar a guerra para longo prazo.

A POLÍTICA SOCIALISTA COMO SAÍDA CONTRA O REGIME DE TURBULÊNCIA GLOBAL

Parece evidente para nós que as tentativas frenéticas — e em grande parte caóticas — de Trump de transformar a estrutura interna e a subordinação do imperialismo mundial apenas aceleram sua crise sistêmica e evidenciam sua total incapacidade de resolver os problemas da ordem global.

A amizade entre imperialistas só reacende, na consciência coletiva da humanidade, os terríveis fantasmas das duas guerras mundiais do passado. E a heróica resistência ucraniana frente ao imperialismo russo — assim como sua traição por parte dos EUA — confirma mais uma vez que os povos oprimidos pelo imperialismo não devem jamais vincular seu destino aos interesses de um imperialismo contra outro. Os predadores imperialistas podem se enfrentar ou se reconciliar. Mas sempre o fazem pelas costas tanto dos trabalhadores de seus próprios países quanto dos povos oprimidos.



O disfarce liberal do imperialismo de Trump foi completamente descartado ao ser desnecessário. A burguesia liberal, embora ainda não tenha sido completamente derrotada, recebeu um golpe devastador da extrema direita e dificilmente se recuperará em breve. Mesmo os protestos anti-trumpistas nos EUA agora devem ser organizados por reformistas de esquerda como Bernie Sanders e Alexandria Ocasio-Cortez, enquanto os principais setores da burguesia liberal estadunidense permanecem em estado de choque.

Nesta situação, os socialistas revolucionários são chamados mais uma vez a se tornarem os únicos defensores da liberdade, da democracia e do direito de autodeterminação dos povos. A luta por liberdade e democracia não pode ser separada da luta planetária anticapitalista e anti-imperialista dos povos oprimidos e da classe trabalhadora. ↗

¹ Acordos de Munique: Assinados em 30 de setembro de 1938 pelo Reino Unido, França, Itália e Alemanha. Por iniciativa de Göring e com a mediação de Mussolini, acordou-se, sem a participação da Tchecoslováquia, que os Sudetos — território checoslovaco — passariam a fazer parte da Alemanha.

CONCEPÇÕES CAMPISTAS na era Trump: E AGORA?

POR GUILLERMO PACAGNINI



Trump chutou a mesa e deseja causar uma mudança estrutural na configuração do imperialismo mundial. Pretende impor uma nova ordem para tentar sair da crise capitalista, embora esteja gerando um panorama de maior instabilidade e incertezas. Essa mudança histórica também “bagunça” as concepções e linhas políticas, como as do campismo e seus capituladores nas fileiras da esquerda trotskista.

Desde a queda do aparelho mundial stalinista, vemos um recuo notório do imperialismo estadunidense. Desenvolve-se uma disputa pela hegemonia mundial com os imperialismos emergentes, como a China, a Rússia e os seus parceiros regionais e globais.

Nesse quadro, em cada conflito regional, a velha teoria dos campos burgueses progressivos ganhava novo fôlego. A genética menchevique foi elevada à escala mundial com o stalinismo e sua

concepção da revolução etapista e da colaboração do proletariado com a burguesia na luta contra o “inimigo comum”. Vem daí a malfadada política de unidade de todas as forças “democráticas” e “progressistas”, as frentes populares e a sua história de traições.

Existe uma política de contenção das direções nacionalistas burguesas e, mais recentemente, de setores neorreformistas, stalinistas e progressistas de todos os tipos. Mais ou menos alinhados com a China e a Rússia, como se estas cumprissem um papel progressivo contra as potências do Norte e não como peças que também disputam a hegemonia imperialista mundial.

A aproximação de Trump com Putin contradiz o campismo e a política de conciliação de classes. Para a esquerda revolucionária, aos que lutam por uma política independente dos blocos imperialistas em conflito, responde os debates na vanguarda.

Veremos como as direções campistas fazem malabarismos para explicar as cambalhotas sobre a estratégia de Trump. Certamente que os oportunistas, em suas variantes, deverão melhorar os seus argumentos para justificar os traços supostamente progressistas ou “mal menor” da Rússia e da China.

Debateremos o que acontece na esquerda revolucionária sobre estas mudanças. Polemizamos com correntes como a Fração Trotskista – corrente internacional do PTS argentino [MRT, no Brasil] – que está cedendo à posições campistas com uma política que capitula às potências emergentes sobre os grandes acontecimentos que dividiram águas, como a guerra na Ucrânia.

POLÍTICA SEMICAMPISTA NA ESQUERDA TROTSKISTA

A Fração Trotskista/PTS e o Partido Obrero, seu parceiro dentro da FIT-U na Argentina, apresentam teorias semicampistas sobre os imperialismos emergentes e a guerra na Ucrânia. Desde o início da guerra desenvolveram uma visão unilateral onde o “inimigo principal” foi uma “escalada bélica dos EUA e da OTAN”, capitulando ao imperialismo russo¹.

O PO, com seu catastrofismo sobre a iminente terceira guerra mundial, também se assemelha ao campismo. Está fora da realidade quando comprehende que o capitalismo não foi restaurado na Rússia e considera todos os conflitos como um prelúdio ou componente de uma suposta terceira guerra mundial. Especificamente sobre a Ucrânia, defende o derrotismo revolucionário. Omite o direito à autodeterminação nacional do povo ucraniano e define o governo do país invadido, e não o do imperialismo invasor, como o “principal inimigo”. Capitula ao governo Putin, que bombardeia com seus tanques e sua estratégia anexionista. É evidente que a caracterização sobre a Rússia e seu governo influencia este raciocínio equivocado.

A FT apresenta as coisas de forma diferente e com algumas nuances e complexidades, mas, com idas e vindas, chega a conclusões e políticas muito semelhantes.

Sobre a caracterização da Rússia e da China. A FT chega ao nível do PO ao falar de antessala de uma terceira guerra mundial; reconhecendo uma disputa bipolar. No entanto, não caracteriza a Rússia e a China como imperialistas, o que, no caso de um eventual conflito, a levaria a capitular a estas

potências emergentes. Há muito tempo debatemos essa questão crucial. Sobre a Rússia, existem debates sobre ser um imperialismo desenvolvido, sub-imperialismo ou, seu aspecto mais nítido, um imperialismo militar. Mas no caso da China não pode haver dúvidas, uma vez que tem liderado uma disputa pela hegemonia global com os EUA em nível econômico, comercial, financeiro, militar, político e tecnológico. Evidente que a evolução destes vários aspectos é desigual. Mas o esquematismo da FT leva-os a tomar um único elemento da realidade (os atrasos ou o menor desenvolvimento em relação aos EUA em vários aspectos) e a transformá-lo no elemento determinante para definir que não coincidem com as posições de Lenin e Trotsky. Dessa forma, se limitam a caracterizá-lo como uma “potência em ascensão”².

Sobre a negação do direito à autodeterminação do povo ucraniano. Desde o início da guerra existe essa polêmica. Enquanto a FT critica os que afirmam a dinâmica de uma terceira guerra, agem como se assim fosse, colocando em pé de igualdade o papel da OTAN com o papel de gendarme regional do imperialismo russo, negando o caráter da luta de libertação nacional da Ucrânia e, portanto, a solidariedade com o seu povo e a defesa do seu direito à autodeterminação. A FT abandonou esta premissa revolucionária defendida por Lenin e Trotsky quando um país imperialista invade um país oprimido e semi-colonial. Sempre ignoraram que na Ucrânia há uma combinação de dois processos: o da disputa interimperialista e o da guerra justa de libertação nacional, e que uma política independente e revolucionária deve combinar a defesa do direito à autodeterminação com a denúncia do invasor e a interferência da OTAN e dos EUA. A FT afirma que o direito à autodeterminação nacional está cada vez mais em segundo plano, subordinado ao único caráter dessa guerra, que seria o confronto entre potências. É por isso que a sua política é a do “derrotismo bilateral”. Resultado: capitula ao imperialismo russo e abandona o povo da Ucrânia. É por isso que não consegue ir além de declarações gerais, contra ambas as potências, e de falar de uma Ucrânia socialista, mas sem mover um dedo concretamente ao povo e a resistência ucraniana³.

DOIS MÉTODOS PARA A ANÁLISE E A POLÍTICA

Essa visão parcial da realidade e a política equivocada têm na raiz um método e uma concepção diferentes das que os revolucionários

deveriam ter, em contradição com o método científico marxista.

Nós, revolucionários, atuamos com um método não dogmático de interpretação da realidade, sem receitas pré-concebidas nem esquemas estáticos: o materialismo dialético. Fazemos uma *análise* considerando as tendências gerais e a situação concreta, considerando os principais elementos da realidade e a sua combinação, formulamos uma *caracterização* e, com base nela, elaboramos uma *política*, um programa e palavras de ordem.

Não nos limitamos em comentar a realidade como um jornal, mas interpretá-la para agir com uma política correta. É por isso que a análise marxista nos obriga a analisar no contexto, do geral ao particular, pesando os elementos objetivos e subjetivos, começando pelos primeiros. Para atuar sobre a realidade e não para se adaptar aos esquemas prontos.

A FT utiliza um método de análise não marxista, apegado apenas a um aspecto da realidade e retirando conclusões que conduzem a políticas equivocadas.

Esse raciocínio é partilhado por sectários e oportunistas, como muito bem destacou Trotsky, polemizando com o POUM no momento da Guerra civil espanhola.

“A ideologia marxista é concreta, isto é, comprehende todos os fatores decisivos importantes de uma determinada questão, não só nas suas relações recíprocas, mas também no seu desenvolvimento. Não dilui a situação do momento presente na perspectiva geral; mas, através da perspectiva geral, torna possível a análise da situação presente com todas as suas particularidades. É precisamente com esta análise concreta que começa a política. O pensamento oportunista, assim como o sectário, possui características em comum: da complexidade das circunstâncias e das forças extraem um ou dois fatores, que lhes parecem os mais importantes - e por vezes são mesmo - e isolam esses fatores da complexa realidade, atribuindo-lhes uma força sem limite nem restrições”⁴.

Com este método, a FT considera certos fatos, como o desenvolvimento desigual dos imperialismos emergentes, para negar o caráter. Por exemplo, a Rússia tem um menor desenvolvimento financeiro e comercial, mas um enorme desenvolvimento militar, gendarme e anexionista que lhe confere um caráter imperialista. Com a China, onde até os traços

são mais harmoniosamente desenvolvidos, assumem os aspectos mais retrógrados contra os EUA. Dessa análise, surgem caracterizações e políticas erradas que acabam na capitulação.

Esse método de raciocínio conduz também à análises e justificativas apriorísticas, adequando a realidade aos seus esquemas pré-concebidos, caindo na incongruência e na incoerência para tentar explicar o inexplicável, como o abandono da política de autodeterminação, sempre deixada para segundo plano.

É o mesmo método dos campistas, que justificam a política de subordinação da classe trabalhadora ao campo burguês supostamente “mais progressista” com a generalização além dos limites do fato concreto: que existem diferenças entre os vários setores burgueses.

Mais uma vez Trotsky explica que os sectários e os oportunistas são duas faces da mesma moeda.

“Durante muito tempo, antes da guerra, o reformismo se serviu de fatores muito importantes, mas temporários: o forte desenvolvimento do capitalismo, o aumento do nível de vida do proletariado, a estabilidade da democracia, etc. É o sectarismo que agora faz uso das tendências e fatores mais importantes: o declínio do capitalismo, a queda do nível de vida das massas, a decomposição da democracia, etc. Mas, tal como o reformismo da época anterior, o sectarismo transforma as tendências históricas em fatores onipotentes e absolutos. Os ‘ultraesquerdistas’ interrompem a análise exatamente onde deveriam iniciar. Opõem-se à realidade com um esquema pré-fabricado. Mas as massas vivem na realidade. E é por isso que o esquema sectário não tem a menor influência sobre a mentalidade dos trabalhadores. Por sua própria essência, o sectarismo é consagrado à esterilidade”⁵.

A FT e os seus partidos raciocinam da mesma forma sobre os fatos da realidade nos países onde atuam, com políticas sectárias, e terminam sendo oportunistas ao renunciarem à disputa com as direções burguesas e a burocracia sindical. A título de exemplo, dois fatos.

Na França, o CCR (seção da FT) rompeu com o NPA no momento de uma importante disputa política, renunciando e enfraquecendo o polo que lutava à esquerda contra a política reformista do setor mandelista que capitulou ao La France Insoumise⁶.

Na Argentina, recentemente, esse mesmo método fez com que o PTS virasse as costas a um acontecimento histórico de massas: um ato unitário das organizações de direitos humanos, mi-

nimizando a mudança com o governo da extrema direita de Milei, compreendendo mal a crise do peronismo, que se aprofundou, e boicotando a política de unidade de ação necessária para intervir e desenvolver a mobilização. Uma análise equivocada que renunciou à disputa (por oportunismo) e virou as costas aos milhares de mobilizados (por sectarismo). Da mesma forma, com essa política, impediu que a FIT-U se posicionasse como vanguarda para impulsionar a mobilização unitária. É o contrário de como atuamos no MST/LIS, onde caracterizamos a etapa aberta com Milei na relação com a ascensão da extrema direita no mundo, as mudanças no regime, a crise do peronismo e sua refração no movimento de direitos humanos. A partir disso, desenvolvemos uma política correta de unidade de ação (unidade/delimitação) que nos fez unificar com a maioria das organizações do Encuentro Memoria Verdad y Justicia para um dia histórico de mobilização. O PTS, junto ao PO, atuaram por fora da ação de massas e construíram uma ação marginal⁷.

MAIS DO MESMO NUM MUNDO EM MUDANÇAS?

Como a FT vai se posicionar sobre as mudanças no mundo a partir da ação de Trump? Continuará cedendo ao campismo ou aplicará uma política independente? Assim que Trump assumiu a presidência dos EUA, sua relação com Vladimir Putin não se limitou a uma troca de elogios, mas tornou-se um dos fatos concretos do giro que o mentor do “American first” pretende trazer ao mundo. Foi anunciada a suspensão formal da ajuda militar à Ucrânia e estão em curso negociações para dividir o território e os recursos daquele país entre a Rússia e os EUA.⁸

As primeiras considerações da FT revelam mais uma vez incoerências e contradições:

Philippe Alcoy (editor da *Révolution Permanente* da França), diz: “*De fato, os anúncios de uma aproximação entre Trump e Putin, ou mesmo a formação de uma nova ‘aliança’, são leituras simplistas [...] Entre os dois países cresceu uma grande desconfiança. Do ponto de vista geopolítico, embora os EUA não considerem a Ucrânia um aspecto central da sua estratégia, a rivalidade com Moscou continua sendo muito importante em várias regiões do mundo. As semelhanças ideológicas*

entre os dois presidentes são muito reais, mas isso está longe de ser suficiente para decretar uma aproximação de interesses estratégicos dos dois Estados, menos ainda para falar de uma aliança”⁹.

Claudia Cinatti, do PTS, escreveu ao Ideas de Izquierda: “*O giro copernicano dos Estados Unidos operado por Trump na guerra da Ucrânia - de aliado de Zelenski a negociador da paz com Putin - abriu uma espécie de ‘conjuntura estratégica’, em que o curto prazo está ligado às determinações estruturais da nova etapa aberta com o esgotamento da ordem liberal comandada a partir de Washington, e sua versão neoliberal recarregada após a Guerra Fria, que imperou nas últimas oito décadas*”¹⁰.

Não é uma novidade a inconsistência nessa corrente. Responde aos vícios analíticos que destacamos. Mais importante, não implica em qualquer mudança na política sobre a guerra da Ucrânia. Nenhuma palavra, apesar do novo acordo de bastidores onde a principal vítima é o povo ucraniano, nenhuma palavra sobre o direito à autodeterminação ou sobre o apoio à resistência ucraniana no país semicolonial que os dois imperialismos, o invasor e o que negocia a paz dos cemitérios e das anexações, querem partilhar.

Por todas essas razões torna-se necessário construir uma nova internacional, com a política e os métodos que estamos fazendo a partir da LIS. 

REFERÊNCIAS

1. Declaração da FT: Abaixo a escalada da guerra dos EUA e da OTAN na Europa Oriental. Nem intervenção imperialista nem ingerência militar russa na Ucrânia. 30/1/22.
2. Mercatante, Esteban. Ideas de Izquierda. 24/9
3. García, Sergio. Polémica com o FT. Revolução Permanente - LIS. Dez 2024
4. Trotsky, Leon. Os ultraesquerdistas em geral e os incuráveis em particular. Algumas considerações teóricas. 28 de setembro de 1937. Em: A Revolução Espanhola. EY Ed. p.286.
5. Trotsky, Leon. Idem. p. 287.
6. <https://lis-isl.org/es/2022/12/francia-adonde-va-la-ccr/>
7. <https://lis-isl.org/pt/2025/03/argentina-os-debates-que-se-abriram-em-24-de-marco/>
8. <https://lis-isl.org/pt/2025/04/nova-ordem-mundial-ou-mais-desordem1/>
9. Philippe Arcoy. Ucrânia: porque Trump ameaça a Rússia? LID, 1/4/25.
10. Claudia Cinatti. As coordenadas de uma nova etapa da situação mundial. Ideas de Izquierda. Mzo, 16/3/25.

A CORRIDA ARMAMENTISTA DA UE e o ENGANO do “europeísmo” imperialista



POR MARCO FERRANDO

A mudança nas relações mundiais coloca os imperialismos europeus diante de um novo desafio. Se o imperialismo ianque abre ao imperialismo russo, rompendo com o tradicional eixo transatlântico, precisa reinventar novas formas de atender às suas necessidades militares. É esse o sentido do chamado ao “rearme” da Europa, pronunciado com tom solene pela presidente da Comissão da UE.

A expressão “rearmamento” é ridícula em si mesma, já que os imperialismos europeus nunca estiveram desarmados. Os tempos de desinvestimento em gastos militares após a queda do Muro de Berlim são coisas do passado. Os orçamentos militares dos Estados europeus vêm crescendo há pelo menos uma década.

O piso de 2% do PIB para gastos com “defesa” foi estabelecido há tempos pelo imperialismo estadunidense como meta mínima para todos os países da OTAN. E todos os países da OTAN, sob qualquer governo, caminharam nessa direção. A guerra da Rússia contra a Ucrânia, a partir de 2022, acelerou esse processo.

O GIRO DE TRUMP, UMA NOVA PROVA DE FOGO AOS IMPERIALISMOS EUROPEUS

O giro de Trump impõe a necessidade de um salto qualitativo. Não se trata de repor os arsenais militares para compensar a “ajuda” enviada a Zelensky. Trata-se de responder ao anúncio da retirada estadunidense da frente europeia. É um anúncio ainda indefinido em seu

alcance qualitativo, em seu reflexo estratégico sobre as relações internas da OTAN, em suas consequências de médio e longo prazo para o estado da Aliança Atlântica. E, ainda assim, a nova orientação é muito nítida. Donald Trump declarou que o imperialismo estadunidense pretende redimensionar sua presença na Europa para concentrar-se no confronto estratégico com a China. Por esse motivo, abre-se ao imperialismo russo com o objetivo de separar a Rússia da China, oferecendo-lhe em troca não apenas a Ucrânia, mas um papel global na partilha do mundo — exatamente o que Putin pretende.

Os imperialismos europeus já previam que uma nova administração Trump poderia criar dificuldades nas relações com a Europa. Mas não esperavam uma mudança tão radical e tão rápida. Há tempos o capitalismo europeu é marginalizado na disputa política e comercial entre a velha potência estadunidense e a nova potência chinesa. Mas a cobertura militar dos EUA parecia garantida. Para assegurar a continuidade desta cobertura, os imperialismos europeus mantiveram-se disciplinados à OTAN e à sua direção norte-americana em todas as medidas fundamentais — às vezes além de seus próprios interesses específicos — ou foram forçados a isso nas guerras de invasão chamadas de “humanitárias” (Afeganistão, Iraque), nos orçamentos militares, nas posições políticas de fundo diante dos diversos cenários mundiais. Em troca, obtinham sua própria participação — ainda que secundária — na política imperialista ocidental. E, sobretudo, uma posição geoestratégica na correlação de forças frente às novas potências imperialistas (China e Rússia).

A REAÇÃO DE PÂNICO DAS CHANCELARIAS EUROPEIAS

Agora, tudo parece precipitar-se com uma aceleração dramática. Isso gera uma reação de pânico nas chancelarias europeias e sua corrida frenética ao “rearmamento”. Não se trata da escolha por uma “Terceira Guerra Mundial” por parte da União Europeia, como dizem os tolos analistas defensores de Putin e/ou Trump e suas respectivas propagandas. Trata-se da construção de uma “dissuasão militar” do imperialismo europeu na nova etapa do militarismo mundial.

As relações imperialistas baseiam-se em correlações de força. E essas correlações não

são apenas econômicas e financeiras, mas também militares. A força militar do imperialismo europeu em escala global foi, até agora, garantida pela OTAN.

Somente pela OTAN? Não. Cada um dos Estados nacionais imperialistas tem um peso específico próprio por seu aparato militar, experiência, tradição e atuação no campo de batalha. O armamento nuclear da França e Reino Unido, por exemplo, serve para medir seus status na política internacional no velho continente. Não é por acaso que todos os imperialismos europeus — com a Itália à frente — disputam suas respectivas áreas de influência (Balcãs, Norte da África, África Subsaariana e Oriente Médio) e fazem isso, antes de tudo, reforçando suas próprias tecnologias militares. No entanto, pertencer à OTAN e contar com a proteção estadunidense foi, em última instância, a garantia dos imperialismos europeus. E agora? Se os EUA se retirarem, qual será o destino do Báltico? A partilha anunciada da Ucrânia entre EUA e Rússia desencadeará um efeito dominó com uma partilha mais ampla do Leste Europeu? Estas e outras são as preocupações dos altos escalões da burguesia europeia e de seus Estados maiores.

“CARNÍVOROS E VEGETARIANOS”. AMBIÇÕES E LIMITES DO EUROPEÍSMO IMPERIALISTA

“Num mundo de carnívoros, não podemos ser vegetarianos”, afirmou repetidamente Mario Draghi. Do ponto de vista imperialista, trata-se de uma constatação coerente. Se as grandes potências se preparam para repartir o mundo com base em sua força militar, não há futuro para os imperialismos europeus sem a reconstrução de seu poderio bélico. E uma potência armada, por sua vez, sugere a unificação da Europa.

“A única resposta real ao giro de Trump passa pelo desenvolvimento da União Europeia em direção a um Estado federal”, afirmam em uníssono neste momento as milhares de vozes do europeísmo burguês. No entanto, há um detalhe incômodo: a solução federal é incompatível com a natureza nacional dos distintos imperialismos europeus, por suas raízes diversas, tradições, zonas de influência, interesses próprios. Seus próprios aparatos militares disputam ferozmente os espaços de mercado, armados uns contra os outros. A França é europeísta apenas quando se trata de uma Europa que a siga (e siga sua política nuclear). A Alemanha não quer se subordinar à França e aponta, cada vez mais abertamente, no relançamento de seu próprio aparato militar. A Itália exibe com orgulho as jóias de sua indústria bélica, muitas vezes alinhada ao Reino Unido. Compete com a Alemanha pela hegemonia nos Balcãs e quer capitalizar o colapso francês na África (Plano Mattei). Como poderiam esses interesses distintos se articularem sob o mesmo teto?

800 BILHÕES EM ARMAMENTOS. QUEM PAGA E QUEM LUCRA. A CONTRADIÇÃO ENTRE OS DIFERENTES INTERESSES NACIONAIS.

Os projetos de “rearmamento” de Von der Leyen refletem as divergências entre os diferentes interesses nacionais.

A Alemanha se opôs a um novo endividamento europeu para financiar novos gastos militares. Os (escandalosos) 800 bilhões destinados a armas estão majoritariamente vinculados aos diferentes orçamentos nacionais (cerca de 650 bilhões em 4 anos). É verdade que os gastos nacionais com armas estão desvinculados do Pacto de Estabilidade (ao contrário dos gastos com Saúde e Educação) e podem crescer até 1,5% do PIB. Mas “*há o risco de aumentar as desigualdades entre os países membros com capacidade de manobra e aqueles já estão altamente endividados*”, observa a imprensa da Confindustria (5/1). Preocupada com a possibilidade de que a Itália fique atrás de seus concorrentes europeus também na questão bélica ou que tenha de assumir mais uma dívida, com os riscos que isso acarreta no mercado financeiro. Para compensar, Von der Leyen garante aos governos da UE a possibilidade de converter em gastos militares os “Fundos Europeus de Coesão Social”, destinados às regiões desfavorecidas e carentes do continente. Na prática, é como dizer que o Sul da Itália pagará os novos gastos armamentistas do governo Meloni/Crosetto.

A verdade é que, dentro do marco capitalista, “a unificação europeia será ou impossível ou reacionária”. Assim escrevia Lenin em 1915, durante a Grande Guerra. E tinha razão. O cenário europeu atual é emblemático. Por um lado, os diferentes imperialistas da UE não podem construir um Estado federal pan-europeu tal como estão, desenvolvidos em meio a suas contradições nacionais insuperáveis — ainda mais considerando o ascenso interno das (piores) forças soberanas.

Por outro lado, todos os projetos europeístas, sob as atuais bases capitalistas, implicam no desenvolvimento do militarismo imperialista às custas dos trabalhadores, das trabalhadoras e de todos os explorados.

A CILADA DO EUROPEÍSMO LIBERAL. A SUBORDINAÇÃO DAS ESQUERDAS REFORMISTAS.

A ideia de uma Europa “autônoma dos EUA” e, por isso, “potência da paz” é recorrente na retórica “progressista” das esquerdas reformistas. Mas é uma realidade vista sob sua ótica ideológica. Uma Europa capitalista autônoma dos EUA só pode ser uma potência armada. Não menos armada, e sim mais armada. Uma potência “carnívora” entre outras potências “carnívoras”. Uma potência disputa com outras a divisão do planeta.

O mundo multipolar como garantia de paz é uma ilusão ingênuo ou uma mistificação consciente. É precisamente a multiplicação de polos imperialistas em disputa pela partilha do mundo que impulsiona a guerra. O “rearmamento” da Europa, como resposta ao giro de Trump, mostra o fortalecimento dessa tendência internacional. Trata-se de assegurar um novo lugar na mesa da partilha do mundo.

Os “*projeto secretos*” de reconversão militar da indústria automobilística italiana, revelados pelo Corriere della Sera

(1/3), evidenciam a atual tendência europeia neste campo. *“A Alemanha está se reconvertendo em armamentos, preparando-se para gastar 200 bilhões. A Itália precisa se adequar para não perder sua indústria”*, declara textualmente o jornal da Banca Intesa. A substituição de carros por tanques responde, sem dúvida, à valorização das ações do setor bélico nas Bolsas. Mas não é exatamente uma reconversão para a “paz”. É a participação na corrida rumo a uma perspectiva histórica de guerra.

Felizmente, esses projetos de “rearmamento” enfrentam dois problemas: a desconfiança aberta de parte da opinião pública europeia e/ou sua hostilidade. Em particular, das massas trabalhadoras, já golpeadas por cortes salariais e sociais em nome do “progresso” e hoje obrigadas a pagarem do próprio bolso a corrida armamentista em nome da “defesa da pátria”, nacional ou europeia, exclusivamente ao interesse dos capitalistas e seus lucros.

POR UMA EUROPA SOCIALISTA, A ÚNICA ALTERNATIVA DE PAZ

Por isso, lutamos contra todo “rearmamento” imperialista — nacional, europeu, mundial. Contra a OTAN, velha ou nova. Contra toda economia de guerra. Contra qualquer aumento de gastos militares e inclusive contra os cortes na Saúde e Educação, duas prioridades. Defendemos a nacionalização, sem indenização, de toda a indústria bélica sob controle dos trabalhadores.

A luta pela paz é a luta contra todo o imperialismo, a começar pelo nosso próprio — ou não é luta nenhuma. O problema não é armar a Europa, mas sim desarmar a burguesia europeia. Isso só será possível por meio de uma revolução social.

A única Europa verdadeiramente em paz é aquela governada pelas trabalhadoras e trabalhadores. Uma Europa Socialista. A única capaz de unificar o continente sobre bases progressistas. A única que pode tomar partido de todos os povos oprimidos e de seu direito à resistência — sem intenções de roubo. A única que pode cultivar a rebelião das massas trabalhadoras da América do Norte, da Rússia, China, contra seus próprios imperialismos, suas guerras e suas políticas coloniais.

Novo governo, NOVO ATAQUE GERAL

POR MARTIN SUCHANEK

A coalizão de Merz prepara um ataque geral contra os trabalhadores e oprimidos: rearmamento, cortes e racismo. Enquanto a direita cresce, o Die Linke canaliza parte do descontentamento. Os revolucionários devem organizar a resistência e propor uma alternativa socialista.



Friedrich Merz

1. REARMAMENTO E MILITARIZAÇÃO

“Queremos que a Alemanha volte ao topo”. Foi assim que Friedrich Merz resumiu o acordo da coligação entre a CDU e a CSU, os dois partidos conservadores, e o SPD, sociais-democratas. Embora o Parlamento ainda não tenha votado a nova “grande coligação” no início de maio, a criação é um fato.

O próximo governo será chefiado por Friedrich Merz, um representante de longa data da ala neoliberal, socialmente conservadora e alinhada com a CDU. Com alguma ironia, deverá dirigir o imperialismo alemão num período de rivalidade aberta com os EUA. Ainda assim, ninguém deve ter ilusões sobre a determinação do novo governo alemão em enfrentar os desafios criados por Trump na luta pela redistribuição do mundo.

De acordo com a Presidente da Comissão Europeia, Ursula Von der Leyen, a resposta do novo governo alemão ao “*Make America Great Again*” deve ser “*Make Europe Independent Again*”. Na Alemanha, o programa do governo Merz traduz-se num ataque total à classe trabalhadora e aos setores oprimidos. Vamos aos principais pontos:

Respondendo às turbulências nas relações transatlânticas causadas por Trump, o Parlamento alemão aprovou, em 18 de março, um gigantesco programa de rearmamento. Em 2024, o orçamento militar era de 71,75 bilhões de euros (2,1% do PIB); a partir deste ano, aumentará para 3,5%, ou seja, 120-150 bilhões por ano. Além disso, a UE quer reservar 800 milhões para o rearmamento de seus Estados-membros.

Esse programa envolve a reintrodução do serviço militar obrigatório e a construção de um arsenal nuclear europeu separado da França. O tamanho do exército aumentará, portanto, de forma massiva e, apesar de ser desenvolvido no âmbito da OTAN, serão lançadas as bases para os futuros exércitos da UE.

2. PROGRAMA DE INVERSÃO DE CAPITAL

Esse enorme programa de rearmamento foi complementado pela CDU/CSU e pelo SPD com um pacote não menos importante para o investimento em infraestruturas na Alemanha. Foi criado um fundo especial de 500 bilhões de

euros, fora do orçamento, para os próximos 10 anos.

Os partidos da coligação não se cansam de apresentar o programa de investimentos como uma grande bênção a todos. Na realidade, o programa serve aos interesses do capital alemão e da sua competitividade internacional. Por um lado, trata-se de um pacote de estímulo econômico no valor de milhões e, por outro, uma renovação do capital social e aumento da capacidade produtiva nos transportes, comunicações e infraestruturas de TI.

Com isso, veio a pressão para cortar nas despesas municipais e sociais, consideradas um “travão da dívida”, um programa de austeridade. Enquanto 1 bilhão é aprovado para a guerra e o capital, programas para os refugiados, desempregados, as pensões, educação, as crianças e a saúde sofrem mais cortes.

disso, os migrantes com cidadania alemã também estão ameaçados de expulsão caso manifestem oposição às políticas do Estado alemão, por exemplo, de apoio a Israel. Ao mesmo tempo, trabalhadores estrangeiros super qualificados e de mão de obra barata continuarão a ser recrutados, mas agora sob um regime de constante incerteza jurídica para facilitar a exploração.

5. PARA “SALVAR A COMPETITIVIDADE” DO CAPITAL ALEMÃO: ATAQUES PROFUNDOS CONTRA OS EMPREGOS, OS SALÁRIOS E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Essas políticas racistas servem para disputar com a extrema direita e dividir a classe trabalhadora, deteriorando sua capacidade de luta.

As demissões, os cortes e a flexibilização das condições de trabalho estão na ordem do dia em toda a grande indústria. O horário de trabalho semanal deverá ser flexibilizado.

As ajudas (o chamado “salário cidadão”) serão cortadas aos desempregados de longo tempo e aos pobres, mas, sobretudo, serão reforçadas as sanções contra os desempregados e anuladas as prestações se não obedecerem a todos os caprichos das autoridades. A idade da reforma não será aumentada, mas será introduzida uma “pensão ativa” para que os reformados possam continuar trabalhando como trabalhadores flexíveis, com salários mais baixos e isentos de impostos.

Assim, planejam cortes massivos e privatizações no setor social, na educação, nas escolas, nos cuidados de saúde e na enfermagem, que irão afetar principalmente as mulheres trabalhadoras, a comunidade LGBTQIAPN+ e os setores perseguidos pelo racismo. Além disso, a nova coligação planeja uma série de benefícios fiscais e subsídios ao capital alemão e, sob a categoria de “desburocratização”, também suspender as proteções sociais e ambientais às empresas.

UM ATAQUE GERAL

No conjunto, se aproxima um ataque generalizado contra a classe trabalhadora, os setores oprimidos, os movimentos ambientais e sociais, complementado por novas restrições aos direitos democráticos. Infelizmente, a criminalização dos ativistas solidários com a Palestina e os ativistas socioambientais são um prenúncio de novas medidas de vigilância.



3. FORTALECIMENTO DA UE COMO BLOCO IMPERIALISTA

Nos últimos anos, a UE e a Alemanha ficaram atrás dos EUA e da China na luta pela redistribuição do mundo. Como potência mundial, também ficaram atrás da Rússia. Nessa lógica, precisam fazer uma nova tentativa para tornar a UE, enquanto bloco imperialista sob a liderança alemã e francesa, um concorrente global à altura e superar as contradições internas.

4. RACISMO, DEPORTAÇÕES E “MIGRAÇÃO REGULADA”

O acordo da coligação CDU/CSU e SPD anuncia profundos ataques aos migrantes e refugiados. O direito de asilo será em grande parte abolido, os controles nas fronteiras serão reforçados e os benefícios aos requerentes de asilo e refugiados serão drasticamente reduzidos. Além

A justificativa é a mudança na situação internacional e a orientação geoestratégica dos Estados Unidos sob Trump. A Alemanha “democrática” está ameaçada não só pela Rússia e pela China, mas também pelos Estados Unidos como rival e inimigo potencial. A parceria transatlântica e as suas instituições estão em perigo e, como todos os que temem perder com o realinhamento do mundo, o Governo alemão, os seus aliados e a Comissão Europeia justificam o programa de reforço político, econômico e militar como um ato de autodefesa “contra o mal”. Não há um único programa de entrevistas, um único editorial, uma declaração do centro do poder que não se utiliza do conceito de “hora fatídica para a nossa democracia”. É claro que escondem os interesses econômicos e geopolíticos imperialistas da Alemanha.

Essas mentiras são disseminadas pelos meios de comunicação e os partidos burgueses. As direções sindicais e os conselhos das grandes empresas também se juntam ao coro dos defensores da pátria. As direções sindicais são um pilar do novo governo. Apresentam o programa de investimentos como um grande êxito, sem objeções profundas ao rearmamento. Para alguns burocratas de esquerda é um exagero, mas outros esperam empregos bem remunerados na indústria armamentista. Nenhuma palavra sobre o racismo. Quanto às questões sociais e aos direitos dos trabalhadores, estão descontentes, mas preferem resolvê-los com negociações, como as rodas de negociação coletiva dos últimos anos, ao invés de greves e mobilizações.

A DIREITA

Assim, as direções dos sindicatos e do SPD encarnam o principal obstáculo à luta defensiva contra a corrida armamentista, a ameaça de guerra, o racismo anti-imigração e os ataques às conquistas da classe trabalhadora. Constituem o baluarte da “paz social” e da desmobilização.

Graças às políticas da grande coligação e ao apoio que recebem dos sindicatos, o crescimento da direita acelera, especialmente do populista de direita AfD (Alternativa para a Alemanha). O AfD obteve 20,80% dos votos nas eleições, atingindo atualmente 24% nas pesquisas.

Em todos os estados do leste alemão (exceto Berlim), a AfD tornou-se o partido mais forte. Conseguiu conquistar os pequenos empresá-

rios, a pequena burguesia e se saiu particularmente bem entre as pessoas em situação econômica vulnerável (39%), trabalhadores manuais (38%) e os desempregados (34%).

Além disso, tornou-se o segundo partido mais forte entre os jovens eleitores (18-24 anos). Os resultados são alarmantes. Embora a AfD não seja um partido fascista, mas sim uma força populista de direita racista, os cerca de 10 milhões de votos dados ao partido não são, na sua grande maioria, votos de descontentes “desorientados”, mas de uma base eleitoral consolidada que vota na AfD não apesar, mas por causa do seu racismo que, tal como o FPÖ na Áustria, se apresenta como uma resposta reacionária aos problemas sociais.

O DIE LINKE

Contra a tendência geral da direita nas eleições nacionais, o Die Linke (A Esquerda) obteve um triunfo. Até há pouco tempo, em meados de 2024, parecia improvável que, com a barreira dos 5%, estivesse representado no parlamento, após derrotas catastróficas nas eleições europeias e em várias eleições estaduais. No entanto, já era visível um giro ao final de 2024 e início de 2025, mas ninguém esperaria 8,77% nas eleições. Esta evolução continua. Atualmente, o Die Linke tem 11% nas pesquisas [finalizou com 4,9%, 39 bancadas].

O Die Linke saiu particularmente bem entre os eleitores que votaram pela primeira vez. O partido tornou-se a força mais forte entre os jovens dos 18 aos 24 anos, com 24% (+17% em comparação com 2021), seguido pelo AfD, com 21%. Isto reflete uma forte polarização esquerda x direita entre os jovens. Em particular, as mulheres jovens votaram no Die Linke com uma taxa de 37%, enquanto entre os homens jovens predomina o AfD.

O sucesso do Die Linke deve-se a vários fatores. Em primeiro lugar, ganhou um grande número de membros desde a ruptura com Sahra Wagenknecht – mais de 60 mil filiações desde o final de 2023. O Die Linke conta atualmente com mais de 110 mil membros. Este fato foi acompanhado por um rejuvenescimento de seus membros.

Milhões de pessoas votaram no Die Linke porque o vêem como a única oposição aos ataques neoliberais, aos cortes, à militarização e

ao racismo. Isto também faz com que o programa reformista de esquerda do partido, que inclui o Estado-providência, a redistribuição social, o desarmamento e o pacifismo como solução para todos os problemas, seja apelativo à consciência reformista predominante de seus eleitores.

Ao mesmo tempo, o caráter reformista e



Elon Musk por videoconferência na reunião eleitoral da AFD

burguês fica cada vez mais evidente. O Die Linke concentra-se unilateralmente na chamada “questão social”, ou seja, nas reformas sociais. É claro que a luta contra o aumento excessivo dos aluguéis, contra o aumento dos preços e pela segurança social é muito importante. Mas, ao mesmo tempo, evita outras questões centrais. Por exemplo, apresenta-se como antirracista e anti-fascista, mas não entende que a luta contra o racismo e o fascismo significa a igualdade de direitos a todos os migrantes e refugiados como parte integrante da luta de classes. Por conseguinte, centra-se em alianças frentepopulistas com os partidos burgueses e a Igreja, em vez de uma frente única dos trabalhadores. Além disso, rejeita a luta pela abertura das fronteiras, pelos plenos direitos de cidadania e pela criação de grupos de autodefesa contra ataques racistas e fascistas.

Acima de tudo, o Die Linke, que também abraça o “socialismo” e a “política de classes”, evita as questões internacionais. Não toma posição sobre o acordo reacionário Trump-Putin contra a Ucrânia. Rejeita, mas apresenta como alternativa a utópica força de manutenção da paz da ONU para garantir a paz e uma nebulosa “estrutura de segurança europeia”. Em princípio, não questiona a “capacidade de defesa” da Bundeswehr (Forças Armadas da Alemanha).

Embora tenham votado contra o rearmamento da Bundeswehr na câmara baixa do Bundestag (Parlamento) em março, os seus membros nos governos estaduais de Bremen e Mecklenburg-Vorpommern votaram favoráveis!

O partido também está dividido internamente quanto à causa palestina. Durante meses, recusou-se a classificar o genocídio como genocídio. A ala pró-sionista do partido queria antecipar-se ao governo com um giro à direita, e algumas dessas figuras acabaram virando as costas ao partido em 2024. Ao mesmo tempo, a direção do partido também expulsou o conhecido antissionista Ramsis Kilani por ter prejudicado a reputação do partido. Isto mostra, de fato, a incapacidade política de reagir adequadamente aos ataques que se avizinham, de dentro e de fora.

Tudo isso mostra que o sucesso do Die Linke se sustenta sobre bases reformistas politicamente fracas. Ao mesmo tempo, mostra que foi politicamente correto apoiar criticamente o Die Linke nas eleições nacionais. Dezenas de milhares de novos membros e mais de 4 milhões de eleitores representam uma força potencial de resistência contra os ataques do capital alemão e do próximo governo [já em atividade]. Só através da mobilização destes setores nos locais de trabalho, nos sindicatos e nas ruas será possível atrair amplas camadas da classe trabalhadora, mudar o rumo dos sindicatos e mobilizar os membros e eleitores descontentes com os sociais-democratas, os Verdes, os não votantes e opor-se ativamente aos seus partidos.

Nesta situação, a tarefa dos revolucionários é explicar como é possível construir a resistência ao próximo governo, defender uma frente contra o ataque geral, no Die Linke, na esquerda radical, nos sindicatos e nos locais de trabalho.

O fato da direção do Die Linke não ter um plano para essa luta não deve ser um obstáculo à intervenção ativa dos revolucionários entre os membros do partido e seus eleitores. Na verdade, abre um campo à luta conjunta contra o próximo governo [já em atividade], lança a crítica revolucionária ao reformismo e reabre o debate sobre as possibilidades de construção de um partido e de uma nova Internacional revolucionária. *

André Pestana: “É possível CONSTRUIR uma ALTERNATIVA em DEFESA de QUEM TRABALHA”

ENTREVISTA POR FLOR SALGUEIRO

Entrevistamos André Pestana, que se apresentou como candidato à Presidência da República Portuguesa (2026).

Para que sua candidatura seja oficializada, é necessário superar importantes obstáculos burocráticos. Conseguir isso seria um feito transcendente, já que se trata de um trabalhador da educação (professor e doutor em Biologia)

que dirigiu importantes lutas sociais, como a greve contra o amianto nas escolas e a histórica mobilização educacional de 2023 protagonizada pelo Sindicato de Tod@s @s Profissionais da Educação (S.T.O.P.), que preside.

Qual sua opinião sobre a crise política e as eleições antecipadas marcadas para 18 de maio?

Essa crise política surge essencialmente porque, como diz o povo português, *“quando a verdade vem à tona, os mexeriqueiros ficam nervosos”*. No início de fevereiro de 2025, o governo de Luis Montenegro apresentou a Bruxelas uma reprogramação do PRR (Plano de Recuperação e Resiliência), modificando significativamente os grupos econômicos portugueses que se beneficiaram dos numerosos milhões de euros de fundos europeus. Isso gerou um descontentamento em setores empresariais apoiados pelo PS (governo anterior) que, dominando alguns meios de comunicação, começaram a pressionar o governo e a denunciar casos “suspeitos” (de meses ou até anos atrás) envolvendo Luís Montenegro e outros membros do governo de direita. Esses escândalos, somados ao fato de o governo não dispor de maioria absoluta no parlamento, provocaram uma crise e o governo decidiu “fugir”, apresentando uma moção de confiança que, como era previsível, não



foi aprovada pelos outros partidos e levaria à queda do governo e à convocação de eleições antecipadas.

Como surgiu sua candidatura à Presidência de 2026?

Apresento a minha candidatura à Presidência da República porque falta representação política das novas lutas da classe trabalhadora, de sua democracia e combatividade. E porque, no 50º aniversário da Revolução de 25 de Abril, fui desafiado por 50 lutadores sociais a dar esse passo. Esses ativistas, muitos dos quais são representantes de trabalhadores, vêm de áreas diversas como Educação, Saúde, Transportes, Bancos, Água e Resíduos Urbanos, Estiva, Call Centers, etc.¹

O que te motivou a dar esse salto para a política?

Tudo o que fazemos (e até o que deixamos de fazer) na sociedade é política. Costumo dizer que uma pessoa pode até afirmar “não gosto de política”, mas, por mais que não queira, a política não a deixa em paz. A cada dia, afeta nossos bolsos, as condições de trabalho, as escolas de nossos filhos, os hospitais, a qualidade do meio ambiente em que vivemos, etc. Defender a escola e a saúde públicas, um planeta ecologicamente sustentável, o direito à greve e à manifestação, lutar contra os baixos salários/aposentadorias, a precarização, o racismo, o

sexismo, a LGBTfobia, contra o abismo crescente entre os muito ricos (meia dúzia) e os muito pobres (bilhões de seres humanos), lutar pelo bem comum, etc., tudo isso é política. E quando não fazemos nada diante das injustiças, também tomamos partido ou jogamos pelo jogo político. Como disse o Prêmio Nobel da Paz Desmond Tutu: *“A neutralidade diante da injustiça é escolher o lado do opressor”*. Diante do mundo em que vivemos – o crescimento das desigualdades sociais entre os muito ricos e as numerosas milhões de pessoas que vivem na pobreza, o crescimento da extrema direita, da destruição ambiental e dos serviços públicos – não posso permanecer indiferente e quero contribuir com uma mudança em defesa da maioria da população.

Quais são suas principais propostas?

As principais propostas – embora a candidatura à Presidência da República seja formalmente uma candidatura individual – estão sendo construídas junto aos lutadores sociais, grande parte dos quais não tem trajetória partidária, o que também expressa o tamanho desta candidatura. Algumas ideias que já apresentamos são, por exemplo, defender a dignidade dos nossos aposentados, propondo um debate sobre a fixação dos valores das aposentadorias entre um mínimo de 1 mil e um máximo de 5 mil euros; combater os privilégios políticos, propondo que o salário de um deputado seja igual ao salário médio de um professor do ensino secundário. Também somos completamente contra qualquer tentativa de nos empurrar para a guerra ou para uma economia de guerra. Nem mais um euro para as guerras da OTAN e para os lucros da indústria armamentista. Está na hora de abrir os olhos, a nossa guerra deve ser contra os baixos salários/aposentadorias, contra a precarização, contra as crescentes desigualdades e os privilégios/corrupção, contra a destruição dos serviços públicos e do meio ambiente.

A extrema direita está à espreita. Qual sua mensagem para quem busca uma alternativa, mas ainda hesita entre diferentes opções?

A extrema direita cresce porque os chamados governos centristas (muitas vezes com apoio mais ou menos explícito dos partidos da “esquerda”) não resolveram nenhum dos principais problemas que afetam quem trabalha (precarização, baixos salários, falta de habitação, serviços públicos cada vez mais deteriorados, insustentabilidade ecológica)... E não resolveram porque governaram, essencialmente, a favor dos mais ricos, de modo que assistimos, nacional e internacionalmente, a uma crescente concentração de riqueza nas mãos de poucas famílias, enquanto cada vez mais pessoas vivem em piores condições ou precisam emigrar. Em Portugal, o fato de partidos como o BE (Bloco de Esquerda) e o PCP (Partido Comunista Português) apoiarem explicitamente governos do PS (Partido Socialista) (entre 2015 e 2021), fez com que a extrema direita – até então pouco significativa – passasse a canalizar os votos de protesto, elegendo o primeiro deputado em 2019 e depois ampliando para 12 deputados em 2022, [elegeram 58 deputados nas eleições de maio deste ano]. No entanto, não há dúvida de que a extrema direita conta com apoio de grandes grupos econômicos (financeiros e midiáticos) e representa um setor dos poderosos que querem aprofundar ainda mais as desigualdades

sociais, as condições de trabalho e repressão/opressão que já existem. A única saída a favor da maioria da Humanidade é que os trabalhadores e os jovens se organizem democraticamente, nos locais de trabalho, nas escolas, nos bairros, para decidir nosso futuro coletivo em termos sociais e ecológicos.

Quais são os prazos e principais tarefas para que a candidatura seja oficialmente reconhecida?

Para que a candidatura presidencial seja validada, teremos que superar uma dura barreira burocrática: recolher mais de 7.500 assinaturas (validadas) até o fim de novembro e, depois, entregar toda a documentação em centenas de Juntas de Freguesia² (de norte a sul do país). Se conseguirmos, isso já será uma grande vitória para uma alternativa aos políticos tradicionais e à extrema direita.

Gostaria de acrescentar algo?

Para quem acha utópico acreditar que a verdadeira alternativa aos políticos tradicionais e à extrema direita está na organização e mobilização de quem trabalha, quero compartilhar uma experiência recente que vivi. Em 2022/2023, muitos também achavam utópico que, naquele momento, o sindicato da Educação pequeno (S.T.O.P.) pudesse conquistar vitórias significativas – não apenas contra um governo do PS com maioria absoluta, mas também, lamentavelmente, contra todas as calúnias/ataques vindos dos sindicatos tradicionais (dirigidos principalmente por PCP/BE e PS/PSD - Partido Social Democrata). Isso só foi possível porque quem decidiu as principais formas de luta (inclusive manifestações com 100 mil pessoas) não foi André Pestana nem a direção do S.T.O.P., e sim os comitês de greve de profissionais da educação, organizados democraticamente em centenas de escolas (independentemente da filiação sindical ou partidária). Este é apenas mais um exemplo de que a organização/mobilização dos trabalhadores não é apenas necessária, mas também possível, para conquistar transformações sociais significativas que antes pareciam impossíveis. 

¹ Cinquenta anos após o 25 de Abril, cinquenta ativistas sociais impulsionaram a candidatura presidencial de André Pestana. – André Pestana (27 de dezembro de 2024) <https://andreprestana.pt/manifesto-dos-50-ativistas/>

² As Juntas são os órgãos executivos das menores divisões administrativas de Portugal e são responsáveis por confirmar se cada assinante é cidadão do país, reside naquela cidade, se é eleitor e se pode votar ao ser maior de 18 anos de idade.



o HOLOCAUSTO PALESTINO com a marca da LIMPEZA ÉTNICA de Trump e Netanyahu

POR VERÓNICA O'KELLY

Fiz tudo isso porque acredito na causa palestina. Acredito que esta terra é nossa e foi a maior honra da minha vida morrer defendendo-a e servindo ao seu povo. Peço a vocês agora: não deixem de falar sobre Gaza. Não permitam que o mundo desvie o olhar. Continuem lutando, continuem contando nossas histórias até que a Palestina seja livre. Pela última vez, Hossam Shabat¹, do norte de Gaza.

A fúria colonial e racista do sionismo superou tudo o que se poderia imaginar e aquilo que parecia um capítulo superado da história transformou-se num novo Holocausto — desta vez, do sionismo contra o povo palestino. O retorno de Trump à presidência dos EUA, reforçando o apoio incondicional ao estado genocida de Israel — em particular em uma confluência absoluta com a linha de limpeza étnica de Netanyahu e da extrema direita fascista do sionismo — marca um novo momento da Nakba (catástrofe) iniciada em 1948.

A TENTATIVA DE CESSAR-FOGO E UM SIONISMO DESCONTROLADO

Ao contrário do que esperavam os arquitetos do massacre, a barbárie não passou despercebida. As mobilizações internacionais em solidariedade ao povo palestino se multiplicaram e exerceram pres-

são em todo o mundo. Universidades ocupadas, greves, boicotes e grandes protestos nas ruas romperam o cerco da propaganda sionista e ajudaram a desmascarar como nunca antes o verdadeiro caráter do Estado de Israel: racista, colonialista e baseado num regime de apartheid.



Como defendemos na declaração da LIS em 29 de janeiro: “*O imperialismo também tem consciência do desgaste que o sionismo sofreu nestes últimos 15 meses. Como não havia ocorrido em 76 anos de ocupação, o Estado de Israel foi desmascarado e deslegitimado em enormes parcelas da população mundial. Isso o enfraquece para cumprir o papel de capataz para o qual foi criado, sendo um fator adicional para forçar Netanyahu a dar fim à loucura genocida.*”

Essa pressão da mobilização internacional foi fundamental para forçar um cessar-fogo temporário, limitado e frágil. Trump defendeu essa saída, que significava destruir o povo palestino por meio de uma tática mais dissimulada, a da limpeza étnica sem as bombas de Netanyahu sobre Gaza. Mas não teve êxito, e o governo israelense — nas mãos da extrema direita do Likud² — violou o cessar-fogo poucos dias depois, retomando sua ofensiva genocida com ainda mais violência, buscando eliminar todo traço de resistência palestina e completar o projeto de expulsão e aniquilação de um povo inteiro, abrindo um novo momento do genocídio com a limpeza étnica.



A “SOLUÇÃO FINAL” DE TRUMP E NETANYAHU

O Estado de Israel e o imperialismo estadunidense, hoje sob o comando de Donald Trump, entraram no que chamam cínicamente de “solução final” em Gaza. Essa nova fase representa uma mudança em relação ao momento anterior. Trump expressa abertamente o objetivo — já não de liquidar a resistência, mas de “limpar” a Faixa de Gaza de palestinos para abrir espaço a negócios capitalistas.

Esta etapa é a continuação brutal de um genocídio que já deixou dezenas de milhares de mortos, com uma maioria perversa de mulheres e crianças. A invasão terrestre, os bombardeios incessantes, o cerco total e a destruição sistemática de hospitais, escolas e moradias compõem um padrão que não pode ser chamado de outra coisa senão de holocausto planejado.

A Faixa de Gaza enfrenta uma crise humanitária sem precedentes. Mais de 280 mil pessoas foram expulsas nas últimas duas semanas e 2/3 do território são agora zonas proibidas, segundo a ONU. A fome cresce, há cada vez menos acesso a água potável e pulgas infestam os acampamentos improvisados das pessoas ex-

pulsas. Tudo isso com um sistema de saúde completamente colapsado.

Trump afirma que “os Estados Unidos vão tomar conta da Faixa de Gaza”, transformando-a numa propriedade imobiliária convertida na “Riviera do Oriente Médio, uma nova meca para o emprego e o turismo”. Chegou ao cúmulo de divulgar um vídeo gerado por inteligência artificial mostrando como seria essa “meca” — uma demonstração repugnante de colonialismo que não hesita em exibir o racismo imperialista. Netanyahu, por sua vez, “oferece” ao povo palestino a opção de abandonar Gaza, de sair de sua terra como única alternativa para evitar a morte e afirma que Israel já controla mais de 50% do território da Faixa de Gaza.

Está em marcha a limpeza étnica com o objetivo de conseguir a ocupação total de Gaza, como expressam abertamente os chefes sionistas e imperialistas. A estratégia colonial é contra todo o povo palestino. Na Cisjordânia, o apartheid, as prisões ilegais e os assassinatos são cotidianos — e se intensificaram desde outubro de 2023, juntamente com os ataques cada vez mais violentos por colonos respaldados pelo genocídio em curso. O sionismo não se limita à Palestina, seu objetivo colonialista é de expansão e por isso continuará atacando o Líbano, a Síria e todo o Oriente Médio.

Mas nada é tão simples ao imperialismo nessa época de crise capitalista e desordem mundial. Há muitas disputas interimperialistas, uma luta crescente pela hegemonia e uma polarização social cada vez maior. O povo palestino em Gaza resiste heroicamente e, mesmo sendo massacrado por um dos exércitos mais poderosos do mundo, se recusa a aceitar a “solução final” do exílio. Esse é um exemplo de luta e resistência que o mundo inteiro vê e que faz crescer a solidariedade e o apoio à Palestina e à sua luta pela libertação da opressão e do apartheid colonial sionista.

JORNALISTAS E EQUIPES DE EMERGÊNCIA MÉDICA SÃO ALVOS MILITARES

Para conseguir o objetivo da limpeza étnica, o exército sionista se empenha em destruir qualquer ferramenta que sirva para denunciar a barbarie do genocídio e/ou para atender as pessoas feridas ou doentes. O próprio secretário-geral da ONU, António Guterres, acusou diretamente Is-

Os limites do fundamentalismo islâmico burguês

Ghassan Kanafani, histórico marxista palestino e fundador da Frente Popular para a Libertação da Palestina, em seu livro “A revolta de 1936-1939 na Palestina”, alertou que a principal ameaça ao movimento nacional palestino compreendia três inimigos: “o local, com a direção reacionária; os regimes dos Estados árabes ao redor da Palestina; e o inimigo imperialista sionista”.

A confiança do Hamas no apoio iraniano para enfrentar Israel mostrou-se utópica. Para além dos discursos inflamados e gestos simbólicos, o Irã não ofereceu uma ajuda militar substancial nem mobilizou seu poder real para interromper o genocídio em curso. Na prática, seu papel tem se limitado a sustentar o status quo e manter uma política de negociação com o imperialismo, sem entrar em confronto militar com este. Os Houthis do Iêmen fizeram muito mais que o poderoso Irã, afundando grandes navios, inclusive drones e mísseis, forçando o imperialismo a usar rotas alternativas mais longas e custosas. O chamado “Eixo da Resistência”, sob comando do Irã, revelou-se muito mais uma construção propagandística do que uma alternativa militar efetiva.

A Autoridade Palestina atua como colaboradora aberta do regime sionista, mantendo a ordem em coordenação com os serviços de segurança do Estado de Israel e traindo toda forma de resistência palestina. Esse setor é o maior defensor da utopia reacionária do Estado binacional e da fracassada e traidora política dos dois Estados – embora não seja o único.

Tanto o Hamas, apesar de seu heroísmo, quanto o Hezbollah e o regime iraniano compartilham um projeto político reacionário: a instauração de um Estado palestino capitalista e fundamentalista islâmico, similar ao modelo teocrático do Irã. Trata-se de uma estratégia profundamente autoritária que reproduz a lógica do poder burguês com uma máscara religiosa. Temos diferenças irreconciliáveis com essa perspectiva política. Não se pode derrotar o sionismo nem conquistar uma paz justa na região sob a bandeira do fundamentalismo ou do nacionalismo burguês.

O sionismo israelense, por sua vez, continua contando com a cumplicidade explícita ou implícita de potências

que, apesar de sua retórica antioccidental, mantêm relações econômicas e diplomáticas funcionais ao genocídio. Rússia e China, imperialismos emergentes, não vão além de declarações diplomáticas ambíguas enquanto seguem fazendo negócios com Netanyahu. O mesmo vale para a maioria dos governos árabes que, para além de seus gestos simbólicos, normalizaram relações com Israel ou se mantêm indiferentes, priorizando a estabilidade de seus próprios regimes em detrimento da solidariedade com a Palestina.

“Queremos viver!”: o grito que se ouve em Gaza

As ruínas de Gaza não estão marcadas apenas pelas crateras das bombas sionistas, mas também pelo grito desesperado de uma população que clama: “Queremos viver!”. Após um ano e meio de um massacre brutal, com mais de 50 mil mortos – em sua maioria mulheres e crianças – uma nova onda de protestos sacudiu a Faixa. Não se trata apenas de uma rebelião contra a ocupação e o genocídio, mas também de uma crítica crescente ao Hamas.

A raiva acumulada por décadas de bloqueio, fome, morte e desesperança explodiu de forma espontânea, sem direção da Autoridade Palestina nem de nenhuma força política tradicional. As manifestações emergem de baixo, das entranhas de uma sociedade que se recusa a se render. A mensagem é: os palestinos em Gaza responsabilizam Israel pela devastação, mas também exigem que o Hamas atue para interromper o massacre generalizado.

O genocídio em Gaza deixou o Hamas gravemente debilitado. O custo humano e material ao povo palestino foi brutal, mas também ficou exposta – e fracassou – a estratégia do Hamas baseada em uma suposta aliança regional de resistência liderada pelo Irã. Essa direção tomou a decisão de atacar Israel em 8 de outubro de 2023, mas não preparou o dia seguinte, o que permitiu que o imperialismo e o sionismo avançassem consideravelmente.

rael de ter transformado a Faixa de Gaza em um campo de extermínio.

Desde 7 de outubro de 2023, pelo menos 232 jornalistas e trabalhadores da mídia foram assassinados na Faixa de Gaza, segundo dados da Al Jazeera, do Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ) e do Sindicato de Jornalistas Palestinos. Esse número ultrapassa em muito os assassinatos de comunicadores em qualquer outro período ou conflito comparável.

As tentativas de silenciar e esconder a barbárie em Gaza e o apartheid na Cisjordânia são cons-

tantes e se intensificam. Inclusive, gozando de total impunidade, um grupo de colonos israelenses atacou o cineasta palestino que ganhou o Oscar deste ano com o documentário “No Other Land” e depois foi detido pelo exército israelense, onde foi torturado por horas.

Recentemente veio à tona um ataque que massacrou 15 trabalhadores de uma equipe de emergência, sendo enterrados numa vala comum. Isso faz parte de uma ofensiva generalizada contra a infraestrutura de saúde de Gaza: mais de 1.400 profissionais da saúde foram assassinados, 34 hospitais foram destruídos, assim como 240 centros e unidades de saúde e 142 ambulâncias, que também foram alvo dos ataques. Estima-se que os danos totais ao

setor da saúde ultrapassem 3 bilhões de dólares, deixando-o completamente incapacitado para atender às necessidades urgentes de uma população sitiada e sob bombardeios.

A TENTATIVA DE SILENCIAR O ATIVISMO ANTISSIONISTA QUE CRESCE INTERNACIONALMENTE

O sionismo tem buscado sistematicamente distorcer e manipular as definições de antisemitismo e antissionismo para seus fins políticos. Tenta igualar a crítica legítima ao Estado de Israel e ao seu regime colonialista, racista e de apartheid ao ódio antijudaico não é apenas uma falsificação histórica, mas também uma estratégia perversa para deslegitimar a luta do povo palestino e silenciar a solidariedade internacional. Essa falsificação intencional, imposta pelo lobby sionista, protege os crimes de Israel e criminaliza aqueles que defendem o heroico povo palestino. Desmascarar essa operação ideológica é uma tarefa urgente para quem não aceita que o



horror se esconda atrás de uma identidade religiosa.

Nos Estados Unidos, estudantes como Mahmoud Khalil foram detidos e deportados por expressarem apoio à resistência palestina. Universidades como Columbia ou Harvard reprimiram acampamentos estudantis, enquanto o lobby pró-Israel pressiona com listas e ameaças trabalhistas. Na Argentina, o dirigente Alejandro Bodart, do MST/FIT-U e da LIS, é alvo de uma perseguição judicial de setores sionistas após declarar solidariedade à Palestina. E poderíamos citar muitos outros casos.

Esses ataques buscam silenciar a crescente onda internacionalista que denuncia o apartheid e o genocídio. Mas o efeito é o oposto: mais vozes se somam, mais setores se mobilizam. A solidariedade com o povo palestino não é crime — é uma obrigação moral diante do horror.

REDOBRAR A MOBILIZAÇÃO INTERNACIONALISTA E LUTAR POR UMA PALESTINA SOCIALISTA

Como corretamente destaca a declaração conjunta da União Geral dos Estudantes do Líbano, da Frente Palestina Livre e da LIS, por ocasião do Dia da Terra Palestina: “*Ao povo livre da nossa nação,*

no Dia da Terra, e enquanto a máquina assassina sionista continua o cerco contra Gaza, afirmamos que, se não apoiamos a resistência palestina e não a respaldarmos em todas as suas formas (humanitária, política, diplomática e militar), então também estaremos destinados à destruição”.

É urgente fortalecer a mobilização global contra o holocausto palestino, romper os acordos com o Estado de Israel, exigir sanções internacionais e denunciar a cumplicidade do imperialismo, especialmente dos EUA, que continuam armando e financiando o Estado genocida.

É urgente lutar por um Estado palestino e pelo fim de Israel, enclave colonial imperialista na região. Nesse sentido, devemos combater a ilusão que alguns setores militantes, inclusive trotskistas, de que é possível conciliar os interesses das classes trabalhadoras árabe-palestina e israelense. Existem interesses materiais concretos que são opostos. O retorno de milhões de palestinos expulsos para campos de refugiados ou para a diáspora enfrentará, sem dúvida, a resistência dos colonos que hoje ocupam as casas e terras palestinas. Um Estado binacional é simplesmente uma utopia que, para além das intenções, favorece a política do sionismo e do imperialismo na Palestina e na região.

A mobilização em solidariedade ao povo palestino é fundamental e precisa ser redobrada. Mas a solução de fundo só virá com uma nova Primavera Árabe que derrube todos os governos e regimes cúmplices e que continue a luta contra o sistema capitalista, unindo os povos de toda a região em torno de um programa comum que ofereça uma saída real às massas árabes: uma revolução socialista que lute por uma Palestina única, laica, democrática e socialista, integrada a uma federação livre de repúblicas socialistas em todo o Oriente Médio.

Por tudo isso, é fundamental construir uma direção independente das burguesias árabes e que não capitule ao imperialismo. A tarefa estratégica é reagrupar os revolucionários de toda a região, criar laços que permitam avançar na construção de uma organização conscientemente anticapitalista e revolucionária que tenha como objetivo a revolução no Oriente Médio e em conexão com a revolução socialista internacional. ↗

¹ Hossam Shabat, jovem jornalista palestino assassinado no norte de Gaza em 26 de março de 2025.

² Partido político sionista de extrema direita israelense que tem como líder Benjamin Netanyahu.



Trump e a NOVA DIVISÃO da ÁFRICA

A reeleição de Donald Trump e o seu retorno à Casa Branca em 20 de janeiro de 2025 marcou um novo capítulo nas contradições globais do capitalismo. Enquanto os analistas tradicionais se concentram no comércio, na segurança e nas questões ambientais, uma compreensão marxista exige uma avaliação do imperialismo, da luta de classes e da dinâmica em evolução do capital global, particularmente em relação à África.

A questão não é apenas a forma como a administração Trump tratará África, mas também como os trabalhadores, os camponeses e as organizações revolucionárias africanas irão se posicionar e resistir ao aprofundamento da opressão imperialista.

O primeiro mandato de Trump demonstrou uma política externa dominada por interesses capitalistas mais cruéis, favorecendo acordos unilaterais, especulação empresarial e o desenvolvimento de tensões no sistema econômico mundial. Sob o lema “América Primeiro”, sua administração tentou aplicar acordos comerciais unilaterais que favoreciam as empresas america-

POR CONGRESSO REVOLUCIONÁRIO PERMANENTE - LIS QUÊNIA

nas, ao mesmo tempo em que submetia as economias mais fracas a uma extração de valor mais implacável. É provável que essa tendência continue ou se intensifique durante o seu segundo mandato, uma vez que a administração procura combater agressivamente a crescente influência da China na África, ao mesmo tempo que prossegue a estratégia dos EUA de garantir recursos estratégicos, mão de obra barata e novos mercados para a expansão capitalista.

Os recentes cortes de financiamento da USAID para a África alarmaram os comentaristas liberais e os políticos da classe dominante. Por outro lado, pela perspectiva marxista revolucionária, esses cortes podem, paradoxalmente, ser vistos como um desenvolvimento positivo para a classe trabalhadora africana. Durante demasiado tempo, a chamada ajuda ao desenvolvimento serviu como instrumento de controle imperialista, permitindo aos EUA ditar prioridades econômicas, influenciar políticas e consolidar reformas neoliberais em troca de migalhas. Grande parte deste financiamento raramente chegou ao povo, na verdade enriqueceu uma pequena elite de burocratas de ONGs e políticos comprados que atuavam como intermediários de interesses estrangeiros.

A retirada da USAID e de mecanismos semelhantes de financiamento estrangeiro pode ajudar a desmascarar a ilusão no imperialismo benevolente e forçar os governos a confrontarem-se com as contradições de suas dependências. Os Estados africanos terão cada vez mais necessidade de financiar seus programas sociais e iniciativas de desenvolvimento, criando oportunidades potenciais

aos movimentos da classe trabalhadora e exigindo orçamentos que respondam às necessidades públicas e não aos interesses das elites ou do imperialismo. Tal como acontece com a maior parte da ajuda das ONG, estes fundos nunca se destinaram à libertação de África, mas sim a estabilizar a ordem capitalista existente.

Este momento exige uma mudança estratégica longe da dependência “assistencialista” estrangeira e para a construção do poder popular, da autossuficiência e da planificação socialista. Em vez de lamentar a perda de migalhas da mesa imperialista, as massas devem organizar-se para assumir o controle da economia.

A África, há muito sujeita a relações neocoloniais, encontra-se no centro da disputa interimperialista. Nas últimas duas décadas, a China, Rússia e a União Europeia aumentaram a presença econômica e política no continente. Embora a administração Trump continue a batalha contra a China na África, é pouco provável que dê prioridade a projetos econômicos ou de infraestruturas de grande escala. É mais provável que os EUA se concentrem na pilhagem de recursos cruciais, na ampliação do poder militar sob o pretexto do “combate ao terrorismo” e no aprofundamento da dependência com as armadilhas da dívida e de acordos comerciais exploradores.



A administração Trump rejeita os acordos multilaterais tradicionais, preferindo acordos bilaterais duros que beneficiam a hegemonia empresarial dos EUA. A Lei do Crescimento e das Oportunidades para África (AGOA), que permite o acesso isento de tarifas aos mercados dos EUA para alguns produtos africanos, poderá ser renegociada, potencialmente tornando as regras mais rigorosas para favorecer as empresas estadunidenses e reduzir as oportunidades aos fabricantes africanos. Isto prejudicará desproporcionalmente as pequenas empresas africanas, enterrando o estatuto da África como fornecedor de matérias-primas e não como potência industrial.

Sobre segurança, o primeiro mandato de Trump centrou-se mais em soluções militares do que diplomáticas. A utilização de ataques de drones e operações especiais em países como a Somália não resolveu as causas profundas da instabilidade, que são as dificuldades econômicas e a falta de autodeterminação política. Um segundo mandato de Trump pode expandir a repressão estatal e reforçar o domínio de governos burgueses compradores que

servem aos interesses imperialistas enquanto reprimem os movimentos da classe trabalhadora, como vimos nos ataques com drones na Somália no mês passado.

Uma análise marxista da política africana exige uma perspectiva de luta de classes e não apenas dos atores estatais. As elites dominantes do continente, em colaboração com as potências imperialistas ocidentais ou orientais, apóiam sistematicamente a subordinação contínua da África ao capitalismo global.

As revoltas e os golpes de Estado que derrubaram vários chefes de Estado apoiados pela França, no Sahel, nos últimos dois anos foram motivados principalmente por uma rejeição massiva contra o imperialismo francês. A vitória fez avançar significativamente a consciência anti-imperialista e a autoconfiança das massas. Ao mesmo tempo, os novos dirigentes que chegaram ao poder são, na sua maioria, aliados do imperialismo russo, generalizando a ideia de que a intervenção russa na África será mais benevolente do que a europeia. Um erro que conduzirá a uma amarga desilusão, uma vez que a Rússia procura pilhar os recursos africanos da mesma forma que a Europa, a China e os EUA fazem. Essa situação poderá ser acelerada com os possíveis acordos entre Trump e Putin, provavelmente ampliando os interesses russos. Talvez o exemplo mais claro da atual pilhagem interimperialista na África seja a República Democrática do Congo, onde a Europa, os EUA, a Rússia e a China estão todos envolvidos na guerra civil genocida em curso sobre quem controlará o cobalto e outros minerais congoleses.

A crise em curso na República Democrática do Congo (RDC) revela as consequências brutais da exploração imperialista em África. A queda de Goma pelos rebeldes do M23, apoiados por Ruanda e indiretamente pelo imperialismo ocidental, põe em evidência as profundas contradições do capitalismo no continente. As riquezas minerais da RDC, especialmente o ouro e o coltan, há muito tempo são alvos das empresas multinacionais e seus aliados políticos. Ruanda, apesar de possuir um número mínimo de depósitos de coltan, tornou-se um dos principais exportadores mundiais, o que prova o roubo sistemático dos recursos do Congo.

O regresso de Trump ao poder intensificará esta situação. O seu primeiro mandato mostrou uma abordagem agressiva para garantir os recursos estratégicos da África, particularmente

nas regiões ricas em minerais raros. Com a crescente concorrência entre os EUA e a China, a RDC continuará como um campo de batalha das forças imperialistas. Os EUA, apesar de manifestarem preocupação com o envolvimento do Ruanda no conflito, continuam apoiando indiretamente o regime de Kagame com parcerias militares e econômicas. Essa contradição expõe a hipocrisia das potências ocidentais, que se afirmam defensoras da paz enquanto asseguram que a África continue sendo fonte de mão de obra barata e de matérias-primas.

A catástrofe humanitária no leste do Congo - expulsões em massa, violações generalizadas e o colapso das infraestruturas - não é simplesmente um problema regional, mas uma consequência direta do capitalismo global. A classe dirigente congolesa, incluindo figuras como o Presidente Felix Tshisekedi, não tem os meios nem a vontade de desafiar as potências imperialistas. Em vez disso, baseia-se na mobilização militar e na retórica nacionalista para manter o controle, mesmo quando o país se afunda cada vez mais na guerra. O apelo à mobilização dos jovens para as forças armadas faz lembrar as guerras imperialistas do passado, onde a classe trabalhadora e os pobres foram sacrificados para defender os interesses das elites.

A situação na RDC, tal como as tendências mais amplas do imperialismo estadunidense na África, reforça a necessidade urgente de uma mudança revolucionária. Só derrubando o sistema capitalista - na África e no mundo - é possível quebrar o ciclo de guerra, roubos e opressão. A luta contra o imperialismo deve estar ligada à luta pelo socialismo, unificando os trabalhadores e os camponeses de todos os países para recuperar a riqueza da África das mãos dos exploradores.

A reeleição de Trump serve de alerta ao proletariado e ao campesinato africano na luta contra os exploradores, estrangeiros e locais. Os trabalhadores e camponeses, em vez de serem passivos das manobras do poder global, devem lutar pela autossuficiência, pela soberania econômica e por uma alternativa socialista contra o capitalismo.

A intensificação dos ataques à autodeterminação africana sob a liderança de Trump poderia, ironicamente, proporcionar uma oportunidade para uma maior solidariedade continental. A aceleração das contradições do capitalismo

- agravamento da desigualdade, declínio dos serviços sociais e o aumento da exploração laboral - poderia fortalecer os movimentos de base, os sindicatos e os grupos socialistas para defenderem políticas que dêem prioridade às pessoas contra o lucro. Os países africanos devem ir além do Panafricanismo retórico e construir ativamente a integração econômica, a negociação coletiva contra as potências coloniais e políticas que promovam a industrialização e a reforma agrária.



Em termos culturais e econômicos, a interação da África com os Estados Unidos tem sido frequentemente mediada pelas diásporas. As remessas, o intercâmbio cultural e o empreendedorismo têm desempenhado um papel importante na ligação entre as economias africanas e os migrantes residentes nos EUA. No entanto, com o histórico de Trump de políticas de migração racistas e declarações xenófobas, o seu segundo mandato pode trazer restrições mais severas, perturbando os fluxos econômicos e isolando ainda mais as populações africanas que estão nos EUA dos seus países de origem. Isto intensifica a fragilidade da dependência econômica do núcleo imperial, bem como a necessidade da África construir modelos econômicos autossustentáveis que não dependam das remessas das diásporas.

A classe trabalhadora africana deve se preparar para mais um ciclo de exploração neocolonial e uma maior resistência, organização e luta por um futuro melhor que dê prioridade ao desenvolvimento humano contra o lucro. Nesse período de incertezas, uma coisa é certa: a libertação da África não virá das salas de reuniões de Washington, Moscou, Pequim ou Bruxelas, mas da ação coletiva dos seus trabalhadores e povos oprimidos. É apenas através dessas lutas que a consciência de classe e a unidade dos trabalhadores serão construídas em toda a África.

As tarefas mais importantes dos movimentos revolucionários e das organizações socialistas são intervir nas lutas que se avizinharam, defendendo a necessidade de uma organização de massas independente de todas as potências imperialistas, além dos capitalistas locais, e construir os partidos revolucionários e a internacional que possam levar essas lutas à revolução socialista.

A AUSTRÁLIA SOB a SOMBRA de TRUMP



Donald Trump e Peter Dutton

POR JORDAN HUMPHREYS

A presidência de Trump impactou profundamente o mundo inteiro. A Austrália não foi exceção, Trump criou tensões em plena campanha eleitoral. A direita conservadora, antes entusiasmada com a vitória, agora sofre as consequências dessa proximidade. Ante a ascensão do militarismo e da extrema direita, a tarefa dos revolucionários é construir uma alternativa.

A sombra de Trump paira sobre as eleições federais de 3 de maio. Num primeiro momento, sua vitória pareceu dar um novo fôlego a Peter Dutton, dirigente da coalizão Liberal-Nacional (os principais partidos conservadores da política australiana). Os liberais já vinham ganhando embalo graças ao descontentamento com o governo trabalhista, devido a um aumento acentuado no custo de vida. Além disso, a vitória da direita no referendo sobre os direitos indígenas em 2023 também prejudicou os trabalhistas e reacendeu a

confiança da direita conservadora. Dutton e seu partido, portanto, acreditavam que o triunfo de Trump também os beneficiaria. As pesquisas começavam a se inclinar a seu favor e a vitória sobre os trabalhistas parecia próxima.

Em janeiro, Dutton anunciou que indicaria Jacinta Price — uma figura política indígena de extrema-direita que, como declaração política, usa bonés com o slogan “Vamos tornar a Austrália grande novamente” — como ministra sombra responsável por garantir a eficiência do governo. Num claro aceno ao Departamento de Eficiência Governamental (DOGE) de Elon Musk, ela foi encarregada de identificar grandes cortes possíveis nos gastos públicos. Da mesma forma, Dutton também anunciou que, se vencesse as eleições, cortaria 41 mil cargos no funcionalismo público, investigaria as contratações ligadas à Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI) e acabaria com o trabalho remoto para funcionários



públicos. Além disso, logo após Trump anunciar seu plano genocida de tomar o controle de Gaza, Dutton afirmou em uma entrevista de rádio que considerava esse anúncio como uma prova de que Trump é um “grande pensador”.

Contudo, quando Dutton lançou essas propostas, a imagem de Trump já estava em declínio na Austrália. Em março, uma pesquisa do Instituto Australiano revelou que três em cada dez australianos (31%) consideravam Trump a maior ameaça à paz mundial, inclusive à frente de Putin (27%) e Xi Jinping (27%). Na sua primeira vitória eleitoral, uma pesquisa da Resolve mostrou que apenas 40% acreditavam que sua eleição seria ruim para a Austrália; em abril, esse número subiu para 68%. Após os anúncios de tarifas por Trump no “Dia da Libertação”, a hostilidade contra ele se aprofundou e agora une a maioria da população, atravessando o espectro político e as classes sociais. Até mesmo 58% dos eleitores liberais afirmam hoje que Trump não é bom para a Austrália.

AGORA QUALQUER DEMONSTRAÇÃO DE APOIO A TRUMP MOSTRA-SE PREJUDICIAL PARA AS ELEIÇÕES NACIONAIS.

Essa situação enfraqueceu completamente o Partido Liberal e descarrilou sua campanha. Tentam se distanciar de Trump, mas muitos já associam a política conservadora à sua figura. Também tentaram se posicionar como os mais capacitados a negociar com ele, mas esse argumento tampouco convenceu. A pesquisa da Resolve indicou que 35% dos eleitores indecisos têm menos probabilidade de votar em Dutton

por causa de Trump e mais pessoas confiam em Albanese para promover o “interesse nacional” da Austrália. Desde o anúncio das tarifas, as pesquisas passaram a favorecer os trabalhistas, ainda que não esteja claro se conseguirão maioria absoluta ou precisarão formar um governo minoritário [*O primeiro-ministro australiano, Anthony Albanese, do Partido Trabalhista, conquistou a reeleição com ampla vantagem*].

Trump não é o único elemento relevante nessas eleições. Há um ceticismo generalizado em relação aos liberais por não terem um plano claro para reverter a crise do custo de vida, apesar dos fracassos do governo trabalhista. Ainda assim, o impacto de Trump parece ter tornado improvável uma vitória liberal em 3 de maio.

O impacto de Trump sobre a política australiana vai muito além dessas eleições. Sua disposição de lançar ataques econômicos tanto contra aliados quanto contra inimigos, somada ao aparente desprezo pelas alianças militares históricas, deixa dúvidas profundas. O governo estadunidense tem sido o principal aliado da classe dominante australiana desde que esta se afastou da Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial. Desde então, empresários, políticos, estrategistas militares e agentes de inteligência australianos estabeleceram vínculos estreitos com o Departamento de Estado dos EUA. Para a classe dominante australiana, a aliança com os EUA é essencial para conter qualquer ameaça aos seus interesses imperialistas e econômicos na Ásia, especialmente diante da ascensão da China.

Por isso, tanto Albanese quanto Dutton têm buscado reforçar os laços militares com os EUA, apesar das atitudes erráticas de Trump. No se-

gundo debate eleitoral, ambos afirmaram que, embora se opunham às tarifas, não têm motivos para desconfiar dele. Albanese também assegurou que o acordo AUKUS — pelo qual os EUA forneceram submarinos nucleares à Austrália em troca de 368 bilhões de dólares — continua de pé, apesar do crescente ceticismo da mídia e da falta de transparência por parte da Casa Branca. Fiéis servidores da classe dominante australiana, tanto liberais quanto trabalhistas, mantém seu compromisso com a aliança estadunidense, independentemente do comportamento de Trump. Entretanto, as excentricidades de Trump alimentam o debate sobre essa aliança.

INFELIZMENTE, NÃO SÃO AS FORÇAS DE ESQUERDA QUE ESTÃO CONDÚZINDO ESSE DEBATE.

Malcolm Turnbull, ex-primeiro-ministro liberal, criticou o acordo AUKUS, considerando-o como “nascido de uma fraude”. Em abril, organizou um fórum sobre “Soberania e Segurança”, com dezenas de especialistas em defesa, para debater uma possível reavaliação do acordo à luz da reeleição de Trump. Somam-se a ele outros críticos do AUKUS e da aliança com os EUA, como o ex-primeiro-ministro trabalhista Paul Keating, além de acadêmicos, jornalistas e estrategistas militares.

O problema é que essas críticas não vêm de uma posição antimilitarista. Muitos dos que questionam o AUKUS querem aumentar os gastos militares, mas com independência em relação aos EUA. Clive Hamilton, ex-candidato progressista pelos Verdes, argumentou no *The Age* que a loucura de Trump demonstra a necessidade da Austrália desenvolver seu próprio sistema de armamento nuclear. É isso que ele chama de “política externa independente”.

Qualquer avanço nesse sentido exigiria buscar recursos em outras áreas. Richard Dennis, economista social-democrata, desafiou os participantes do fórum a explicar como financiariam os gastos militares sem cortes em educação, saúde e bem-estar.

Nesse contexto, os Verdes — um partido progressista de classe média que se pronunciou em apoio à Palestina — apresentaram sua própria política de defesa. Embora proponham o fim do AUKUS e uma redistribuição parcial dos gastos

militares para os serviços sociais, também exigem um investimento de 4 bilhões no desenvolvimento de mísseis e drones australianos. Essa política foi recebida com cautela pelos principais meios de comunicação como um sinal de maturidade do partido. Reflete tanto sua aspiração de integrar o establishment quanto o desejo de formar uma coalizão com os trabalhistas após as eleições.

Tudo isso significa que os socialistas na Austrália devem atentar para: não basta se opor ao AUKUS, apontar que Trump é louco ou defender uma vaga “política externa independente”. É necessário rejeitar todo o aumento nos gastos militares e se opor a qualquer colaboração do governo australiano ao impulso global rumo à guerra.

A ALIANÇA AUSTRÁLIA-ESTADOS UNIDOS NÃO É A ÚNICA FONTE DE PREOCUPAÇÃO INSTIGADA PELO GOVERNO TRUMP.

Há anos, os acontecimentos políticos nos EUA têm mais repercussão na Austrália do que os de qualquer outro país. Em 2020, a rebelião do *Black Lives Matter* levou dezenas de milhares às ruas australianas, apesar das tentativas dos governos estaduais de impedir os protestos.

Os ataques de Trump provocam um acúmulo de indignações nos EUA. A instabilidade criada por ele na política burguesa abre espaço para uma nova onda de resistência. As mobilizações anti-Trump “Tire as Mão” são uma primeira expressão dessa mudança. Se essa resistência crescer, encontrará eco entre trabalhadores e estudantes australianos, influenciando o ativismo de esquerda. Nesse sentido, a *Socialist Alternative* convocou uma jornada nacional de protestos exigindo que o governo australiano rompa laços com os Estados Unidos de Trump.

Essa é a esperança para o futuro. À medida que Trump aprofunda o caos e a barbárie da ordem capitalista global, também gera mais opositores, não apenas contra ele, mas contra o sistema que o levou ao topo do poder mundial.

E embora os liberais estejam cambaleando e a extrema direita hoje pareça marginalizada na política australiana, nada garante que isso continuará assim. Por isso, a luta global contra a extrema direita também é decisiva para conter seu avanço na Austrália. Construir uma alternativa revolucionária ao governo trabalhista é mais urgente do que nunca. 

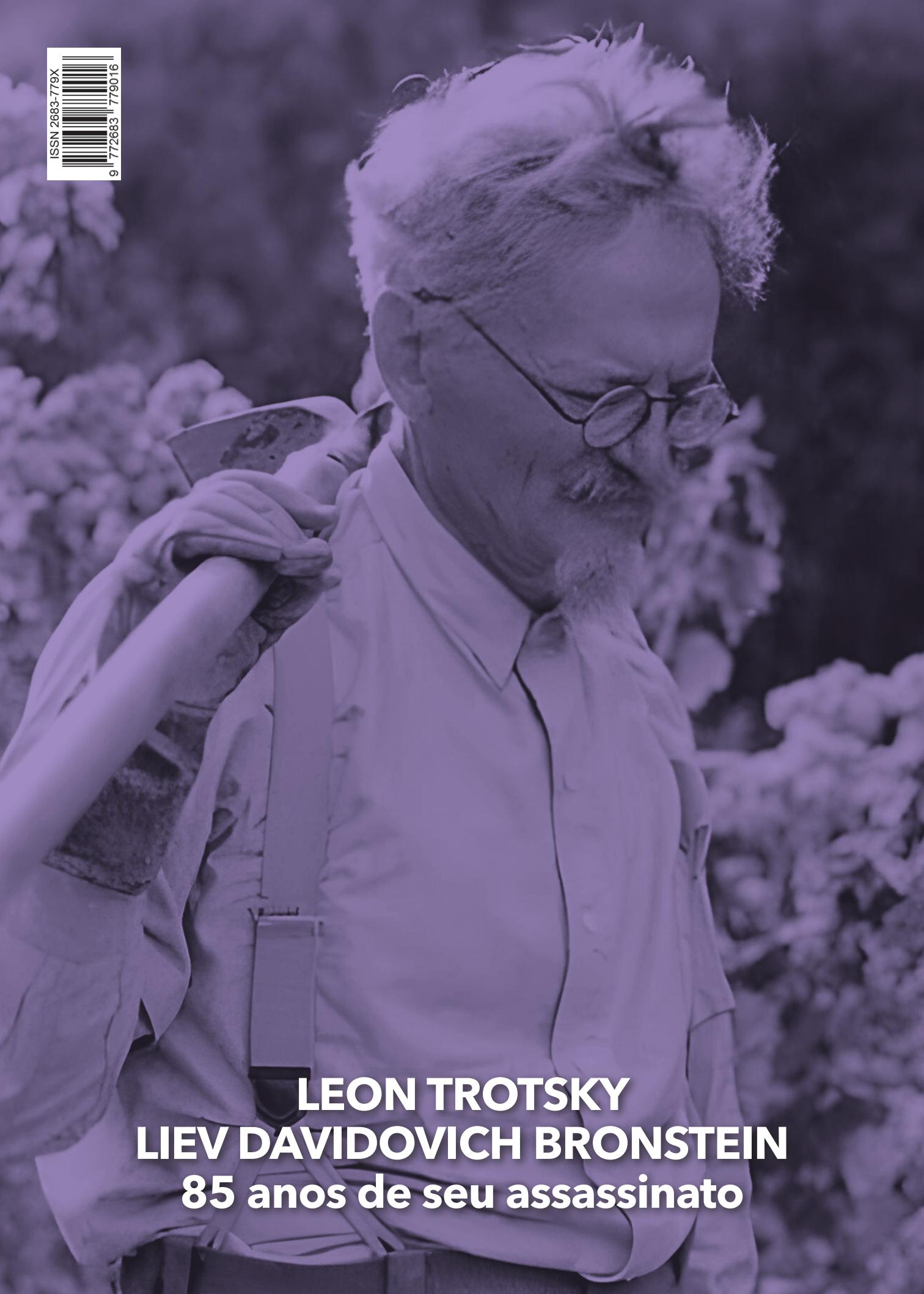
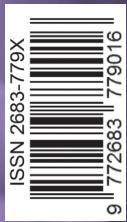
NOVIDADES



la montaña
EDICIONES SOCIALISTAS



Confira as edições
anteriores da REVOLUÇÃO
PERMANENTE



**LEON TROTSKY
LIEV DAVIDOVICH BRONSTEIN
85 anos de seu assassinato**